

*A Segunda Epístola
aos Coríntios*

Hamilton Smith

PREFÁCIO

O apóstolo tinha proposto fazer uma segunda visita à igreja em Corinto, mas se sentiu guiado a alterar os seus planos. Ele escreve para explicar o porquê nesta segunda epístola, e preparar o caminho para levar a cabo uma terceira proposta de fazer-lhes uma segunda visita.

O inimigo, mesmo durante aqueles primeiros dias, procurava corromper a confissão cristã através de “falsos apóstolos”, “obreiros fraudulentos”, e “falsos irmãos” (2 Co 11). O apóstolo teme que isso tenha feito a sua obra enganosa em Corinto apartando de Cristo o coração dos santos, apresentando falso ministério (2 Co 11: 4), depreciando os verdadeiros servos de Cristo, para atrair discípulos após eles mesmos.

No decorrer da sua epístola Paulo adverte os santos com relação a essa maldade anunciando a verdade que expõe o mal. Ele apresenta Cristo na glória, Aquele no qual todas as promessas de Deus são Sim e Amém. Ele apresenta os santos na terra como deixados aqui para ser a carta de Cristo. Ele anuncia o verdadeiro ministério do Espírito, e as marcas dos servos verdadeiros do Senhor, através dos quais a Sua obra é executada. Além disso, ele exorta os santos em Corinto a servirem a outros em amor dando ao necessitado.

Tendo anunciado a eles Cristo, Seu serviço, Seus servos e a graça de Cristo dando-se a outros, ele expõe as falsas pretensões de homens maus que procuravam corromper as assembléias do povo de Deus apresentando-se como anjos da luz e ministros da justiça.

2 CORÍNTIOS 1

(Versos 1, 2). Ao escrever a sua segunda Epístola aos Coríntios o apóstolo Paulo liga a ele Timóteo, que lhes era bem conhecido como tendo trabalhado no meio deles; e, em se dirigindo a assembleia inclui os santos na Acaia da qual Corinto era a capital. Ele por essa razão cuida em mostrar que, por um lado, em tudo o que tem a dizer tem a plena comunhão com aqueles que são bem conhecidos deles, e, por outro lado, não os vê como independentes de outras assembleias do povo do Senhor.

(Versos 3-6). O apóstolo começa a sua epístola com uma referência às suas provações. Tinha sofrido a perseguição do mundo, e muita aflição e angustia de coração por causa da baixa condição que existia entre os santos em Corinto, o mesmo povo que deveria ter sido para ele uma fonte de alegria (Versos 2: 3, 4). Sem embargo, essas provações, se vindas de dentro ou de fora do círculo cristão, tinham se tornado a ocasião de experimentar as “misericórdias” e os “consolos” de Deus. Assim como Davi, nos seus dias, passou por experiências semelhantes, pois quando o orgulhoso se levantava contra ele, e os homens violentos buscavam a sua alma, podia dizer: “Porém tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, sofredor, e grande em benignidade e em verdade. Volta-te para mim, e tem misericórdia de mim” (Sl 86:14-17).

A experiência pessoal de Paulo das compaixões e do consolo de Deus teve um efeito triplo:

Primeiro, ela se tornou uma ocasião para louvar a Deus, pois ele pode dizer: “bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. Tem sido verdadeiro o ditado que diz que Deus é sempre o primeiro pensamento daquele que está andando com Deus. Foi assim nos dias de outrora com o servo de Abraão. Tendo experimentado a orientação manifesta de Deus, o seu primeiro ato foi de adorar o SENHOR, dizendo: “Bendito seja o SENHOR Deus ...quanto a mim, o SENHOR me guiou”. (Gn 24:26, 27). Assim, mais uma vez, quando Deus interveio em misericórdia nas provações de Daniel, o seu primeiro ato foi louvar a Deus, dizendo: “Seja bendito o nome de Deus de eternidade a eternidade, porque dele são a sabedoria e a força” (Dn 2:19-23).

Segundo, a experiência do apóstolo dos consolos e misericórdias de Deus permitiu-lhe consolar outros que estavam em dificuldade.

Terceiro, através das suas provações o apóstolo experimentou a verdade das palavras do Senhor aos Seus: “O discípulo não é maior do que seu Mestre” (Lc 6:40). Se o Mestre sofreu ao passar por um mundo de pecado e tristeza, assim os Seus discípulos sofrerão. Mas se na nossa pequenez provarmos “os sofrimentos de Cristo,” também experimentaremos as consolações de Cristo.

Por essa razão o apóstolo está capacitado para ministrar consolação e conforto a esses santos que enfrentavam sofrimentos semelhantes. Por isso, escrevendo aos santos Tessalonicenses, que sofriam “perseguições e aflições” pode encomendá-los a Deus “Que nos deu *consolação* eterna” que “*console*” os seus corações (2 Ts 1:4; 2 Ts 2:16, 17). Mais tarde, quando na prisão, ele ainda pode escrever aos santos Filipenses sobre o “*conforto em Cristo*” e “*entranháveis afetos e compaixões*” (Fp 2:1).

(Verso 7). Assim a esperança do apóstolo nesses santos permanecia firme. Ele não temia por eles em razão das suas provações. Ele compreendia que se eles tivessem que suportar os sofrimentos também desfrutariam de consolação.

(Versos 8-10). O apóstolo então se refere às provações severas pelas quais tinha passado na Ásia. A pressão que veio sobre ele estava além do poder humano para suportar; de fato tinha-se desesperado da vida. Sem embargo, descobriu que nenhuma provação, nenhuma oposição, que o cristão tem que enfrentar está além do poder sustentador de Deus. O apóstolo pode desesperar-se da vida, mas não se desespera de Deus. Se até mesmo face a face com a morte, e como o Mestre, uma morte violenta nas mãos de homens maus, contudo Deus é mais forte do que a morte. Assim em suas grandes provações conheceu a sua própria fraqueza e o poder todo-poderoso de Deus, para que não confiasse nele mesmo, mas em Deus que ressuscita os mortos. Por essa razão, olhando para trás pode dizer: Deus livrou; olhando ao redor pode dizer: Deus “nos livra”, e olhando para frente pode dizer: Deus “também nos livrará”. E o que Paulo podia dizer em suas grandes provações, é o privilégio do mais simples crente de dizer com semelhante confiança em Deus.

(Versos 11, 12). Além disso, o apóstolo alegremente reconhece a comunhão dos santos em Corinto com ele em suas provações. Eles labutavam juntos com orações pelo apóstolo para que o dom conferido a ele pudesse ser usado para abençoar as almas e assim conduzi-los a dar graças a Deus. Ele podia com confiança contar com as orações deles porque a sua consciência dava testemunho da pureza dos seus motivos em seu serviço. Ele servia em simplicidade com um olhar único, e com sinceridade perante Deus. O seu serviço não era o resultado da sabedoria carnal que muitas vezes pode fazer o que é correto por motivos de política humana. Foi pela graça de Deus que ele exerceu o seu dom.

(Versos 13, 14). Assim, contando com as orações e o reconhecimento deles da sua carta, pode alegrar-se neles enquanto se alegram nele, ambos tendo em vista o dia do Senhor Jesus.

(Versos 15-18). Essa confiança mútua o leva a explicar os seus movimentos os quais alguns poderiam ter pensado que foram levemente mudados, e por essa razão a confiança nele fosse enfraquecida. Ele tencionava fazer-lhes uma segunda visita, e embora tivesse modificado os seus planos ele não o fez levemente como se agisse com a indecisão da carne. Assim ele verdadeiramente pode admitir diante de Deus que a sua palavra para com eles “não foi sim e não”.

(Verso 19). Isso conduz os pensamentos do apóstolo a Cristo, o padrão perfeito de toda conduta cristã. Paulo, e os seus cooperadores, pregavam “o Filho de Deus, Jesus Cristo”. Com esta Pessoa gloriosa não há nenhuma incerteza, nenhum “Sim e não” – nenhum “pode ser” ou “pode não ser”. A verdade apresentada Nele, e por Ele, não muda. Nele tudo é “Sim” – seguro e certo.

Com o seu coração cheio de Cristo o apóstolo é conduzido, em algumas breves sentenças, dar uma bela apresentação de Cristo, dos privilégios dos cristãos, e da forma com que Deus tem que ser considerado para que possamos entrar nos nossos privilégios.

(Verso 20). Primeiro ele apresenta Cristo como o Sim e o Amém. Ao lermos qualquer Epístola é importante ver a forma especial na qual Cristo é apresentado. Os santos em Corinto estavam em uma condição de baixa moral fazendo uma grande questão de homem, e, correspondentemente, esquecendo-se o que é devido a Deus. Para adequar este estado o apóstolo, em sua primeira Epístola, proclamada a eles Cristo crucificado, e Cristo ressurreto; pois a cruz deixa de lado a glória do homem, e a ressurreição mantém a glória de Deus (1 Co 1:17, 18-23; 1 Co 2:2; 1 Co 16:4). Nesta segunda Epístola, Cristo é apresentado primeiro, neste verso, como o Sim e o Amém, e em segundo lugar, no capítulo quatro, como glorificado para conduzir esses santos a toda plenitude da bênção cristã como

anunciada em Cristo, para que ocupados com Ele na glória possam se tornar mudados na Sua imagem.

Qual então, podemos perguntar, é o significado dessa afirmação acerca de Cristo: “Nele são o sim, e por Ele o Amém”, para que se possa compreender? No Velho Testamento há promessas feitas por Deus de abençoar a semente de Abraão, e abençoar os gentios através de Israel. Havia, contudo, uma grande dificuldade que impedia o cumprimento da bênção: do outro lado de toda a cena havia a sombra escura da morte. Como então as promessas seriam cumpridas? Abraão, a que as promessas foram feitas, morreu; Isaque e Jacó morreram, conforme lemos: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas” (Hb 11:13). Se algum grande benefício for prometido a um homem para daqui a um ano, e ele morre antes deste tempo como a promessa pode ser cumprida? É claro, então, que as grandes promessas de Deus estão espalhadas por todas as páginas do Velho Testamento, mas a morte sempre está no caminho do cumprimento delas. Mas, finalmente, veio Um em quem não havia “alguma causa de morte” (At 13:28), e embora Ele entre na morte não pode ser detido pela morte (At 2: 24). Assim finalmente encontrou-se um Homem que, com relação às promessas do Deus, é “o Sim” e “o Amém.” Como “o Sim” Ele é o Único em quem as bem-aventuranças de todas as promessas são mostradas; e, como “o Amém”, o Único por quem todas as promessas são cumpridas.

Tal então é a apresentação de Cristo nesta 2ª Epístola. Além do mais, a forma na qual Cristo é apresentado em qualquer Epístola é de acordo com as doutrinas especiais da Epístola. Nesta Epístola a proeminência é dada às grandes verdades do novo concerto (2 Co 3), e a reconciliação (2 Co 5). Nas questões dos homens, um testamento, ou Legado, apresenta a disposição do Testador em relação àqueles que recebem os benefícios do Legado. Assim no Novo Concerto, ou Novo Testamento, aprendemos que Deus está em Sua boa vontade *para com o homem*. A reconciliação apresenta o que o homem é *para Deus*. Na verdade ele apresenta o que tudo será para Deus; pois, não apenas os homens devem ser reconciliados, mas “todas as coisas”, sejam as coisas na terra ou as coisas no céu. Considerando uma cena além da morte ali se levanta diante da nossa visão um vasto universo de alegria, no qual todas as pessoas e todas as coisas estarão plenamente de acordo com Deus, e por isso uma cena na qual Deus pode descansar com perfeita complacência. A forma com a qual Cristo é apresentado na Epístola corresponde perfeitamente a essas grandes verdades, pois *em Cristo* vemos perfeitamente apresentada a disposição de Deus em direção aos homens; e em Cristo vemos perfeitamente apresentado tudo o que Deus precisaria que fossemos para Ele; ademais, *através de Cristo* sabemos que todos os desejos do coração de Deus serão cumpridos.

Além disso, o apóstolo faz menção dos imensos privilégios do cristão. Se todas as promessas estão apresentadas, e cumpridas, em Cristo para a glória de Deus, isso significa que essas promessas são asseguradas aos crentes “para a glória de Deus *por nós*”. Por essa razão, no decorrer da Epístola, o apóstolo exige o nosso testemunho no mundo como as epístolas de Cristo. A glória de Deus implica na exposição de Deus em Sua natureza. Podemos facilmente entender que toda a glória de Deus é apresentada em Cristo, mas a maravilha da graça é que é o propósito de Deus que a Sua glória deva ser apresentada “por nós”: para que aqueles que uma vez apresentaram os terríveis efeitos do pecado, sejam conduzidos a apresentarem a glória de Deus. Ainda mais, esta apresentação da glória de Deus nos santos não é simplesmente no futuro, mas agora mesmo neste mundo. É evidente que quando o apóstolo fala um pouco depois (2 Co 3) de ser transformado de glória em glória, tem o presente em vista. Sabemos que o propósito de Deus terá o seu completo

cumprimento na igreja da glória, pois a primeira marca da Cidade Santa, quando desce do céu, é que ela tem “a glória de Deus”. Mas também é o propósito de Deus que quando os crentes passem por este mundo, no qual uma vez foram servos do pecado produzindo frutos de injustiça, se tornem servos de Deus para apresentarem a glória de Deus.

(Versos 21, 22). Nos versos que seguem vemos a forma com que Deus opera para que a Sua glória possa ser exposta em nós. Para esse fim Deus nos confirmou em Cristo; ungiu-nos; selou-nos, e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.

Em primeiro lugar Deus nos confirma em Cristo. Há uma obra de Deus no homem interior com a finalidade de que Cristo possa viver no coração pela fé. Reconhecemos a necessidade da energia nas coisas de Deus e do zelo em Seu serviço, mas, acima de tudo, precisamos do segredo da energia – um coração que é atado a Cristo.

Em segundo lugar, tendo atado o nosso coração a Cristo somos conduzidos ao conhecimento das verdades e das Pessoas divinas, pela unção do Espírito. A unção fala da inteligência divina dada pelo Espírito Santo, conforme sabemos da Epístola de João onde lemos: “Vós tendes a unção do santo e sabeis todas as coisas” (1 Jo 2:20). Além disso, lemos: “A Sua unção vos ensina todas as coisas” (1 Jo 2:27). Nas coisas divinas a afeição vem antes da inteligência. Isso é visto na oração do apóstolo em Efésios 3 onde ele primeiro ora para que Cristo possa viver em nosso coração, e que para que estejamos arraigados e fundados em amor. Isso corresponde a Deus nos estabelecendo em Cristo. Então prossegue na oração: “Poderdes perfeitamente *compreender*”. Esta compreensão é o efeito de unção pela qual é possível para o crente entrar na largura, comprimento, profundidade e altura, de todos os conselhos de Deus.

Em terceiro lugar, somos lembrados nesta passagem que os crentes estão selados por Deus. O selo, como muitas vezes tem sido expresso, é a marca que Deus coloca sobre o crente como evidência de que somos Dele. O mundo não pode ver o Espírito Santo, mas eles podem ver na vida mudada do crente o efeito da habitação interior do Espírito. Foi assim no caso dos crentes Tessalonicenses. Eles receberam a palavra em muita aflição e com a alegria do Espírito Santo, e como resultado se tornaram (1) seguidores do Senhor; (2) exemplos para todos que crêem; e (3) a fé deles em Deus se espalhou. Este foi o resultado de serem selados e a evidência de que eles pertenciam a Deus.

Em quarto lugar, os crentes gozam do penhor do Espírito pelo qual lhes é permitido ter um antegozo da bem-aventurança da vasta herança da glória que já é deles e para a qual logo serão conduzidos (Ef 1:13, 14).

Assim aprendemos que Deus “nos confirma”, “nos ungiu”, “nos selou” e nos deu “o penhor do Espírito”. Ao sermos *confirmados* olhamos para trás para a cruz para aprendermos tudo do amor de Cristo; pela *unção* olhamos para cima para a glória de Cristo, para sermos feitos inteligentes em todos os conselhos divinos; pelo *selo* nos tornamos testemunhas de Cristo no mundo em nossa volta confirmando assim que pertencemos a Deus; e pelo *penhor* olhamos para a herança quando estaremos com Cristo e seremos semelhantes a Cristo.

(Versos 23, 24). Nos dois versos finais o apóstolo explica que se não tinha visitado Corinto uma segunda vez foi para poupá-los de mais aflições. Ele não teve nenhum desejo de tomar o lugar de alguém que dominasse a fé dos santos, mas antes de ver a si mesmo e outros crentes como “cooperadores” no gozo do serviço ao Senhor. É “pela fé” no Senhor que estamos em pé, não pela fé um no outro.

2 CORÍNTIOS 2

(Versos 1-3). Continuando o assunto dos versos finais do capítulo 1, o apóstolo expressa o temor de visitá-los uma segunda vez, antes de ter ouvido o efeito da sua primeira carta que devia ter lhes causado tristeza. Normalmente devemos esperar encontrar a alegria dos santos, e muito especialmente daqueles a quem podemos ter sido uma bênção espiritual, como no caso do apóstolo e os Coríntios. Ele, por isso, escreve esta segunda epístola para que tudo o que poderia levantar uma nuvem entre ele e esses crentes pudesse ser removido.

(Verso 4). Foi de fato com verdadeira dor e aflição no coração que escreveu a sua primeira epístola – uma carta regada com muitas lágrimas. Se tivesse de tratar com o pecado no meio deles, não seria com um espírito legalista frio que poderia ter exposto o erro, apontado o curso correto a tomar para tratar com ele, e ali encerrando a questão. O fato de que não tinha vindo a eles poderia conduzir a esta conclusão incorreta, mas escreve para assegurar-lhes que por trás da sua primeira carta havia “muita tribulação e angustia de coração”, e por trás de sua dor havia o amor profundo por eles.

(Versos 5-8). Além do mais, este espírito de amor que tinha animado o apóstolo a escrever sua primeira carta, ele esperava que a assembléia em Corinto demonstrasse em relação ao malfeitor com quem tinham tratado em obediência às direções apostólicas. O zelo deles em relação ao mal não os deixa contemplar do alto o amor e a graça para com o malfeitor o qual tinha dado evidência de verdadeiro arrependimento.

(Versos 9, 10). Para este fim Paulo tinha escrito esta segunda epístola para assegurá-los do seu amor e despertar-lhes o amor. A primeira epístola, de fato, tinha-os posto à prova para comprovar o amor deles pela obediência às direções do apóstolo (comparar Jo 14: 21; Jo 15: 10). Comprovando o amor deles pela obediência, a confiança neles seria restaurada, para que ele pudesse dizer “a quem perdoardes alguma coisa também eu”. Deste modo estariam agindo em nome do apóstolo, assim como ele, ao perdoar qualquer deslealdade contra ele, representava Cristo, por essa razão executando a sua própria exortação, em outra epístola: “Perdoai uns aos outros... assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (Cl 3: 13).

(Verso 11). Cultivando assim um espírito de amor santo em seu próprio coração, e no coração de outros, ele frustraria os esforços de Satanás para semear a discórdia entre os santos, não simplesmente introduzindo o mal entre eles, mas levando-os a tratar com ele de forma incorreta e com um espírito incorreto. Quão freqüentemente os santos podem ser de uma mente quanto ao mal, e, contudo a discórdia surge por não concordarem quanto à forma de tratar com ele. Como é importante estar vigilante contra as artimanhas do inimigo para que não tenha vantagem sobre nós.

(Versos 12, 13). Em Troas, onde o Senhor tinha aberto uma porta para o apóstolo pregar o Evangelho, ele esperou encontrar Tito trazendo-lhe notícias encorajadoras dos coríntios, mas não o encontrando, não teve descanso em seu espírito; assim dando-lhes adeus seguiu para a Macedônia. Ali, como sabemos do capítulo 7:5-7, ele encontrou Tito que o consolou ao contar do bom efeito da sua primeira carta.

(Verso 14). O conforto que tinha recebido conduz o apóstolo irromper em louvor: “Graças a Deus, que sempre nos conduz em triunfo em Cristo”. Se Deus conduzir, será em triunfo, triunfo sobre o fracasso dos santos, a oposição dos pecadores, as artimanhas do inimigo, e a pressão das circunstâncias. Mas será o triunfo “em Cristo”. Não é triunfo na

carne ou pela capacidade ou poder humano. Ademais, na medida em que as dificuldades e aflições, de qualquer caráter, são triunfadas em e por Cristo, a doçura e bem-aventurança do conhecimento de Cristo se tornarão manifestas em todo lugar.

(Versos 15, 16). Assim é possível apresentar Cristo aos salvos e não-salvos. Isso significava, contudo, para aqueles que rejeitam a Cristo, morte com a antecipação de uma pior morte; mas para aqueles que aceitaram o testemunho, vida com a antecipação da plenitude de vida. Mas se tais questões poderosas, como a vida e a morte, estão ligadas ao testemunho de Cristo, o apóstolo pode bem perguntar: “E para estas coisas quem é idôneo?”

(Verso 17). Paulo compreendeu a grandeza da Pessoa que pregou, a necessidade profunda daqueles a quem ele pregou, e a imensidade das questões envolvidas. Ele, como muitos até naqueles dias (e tantos hoje), “não comercializou a palavra de Deus”. O homem que tem tais pensamentos baixos da palavra de Deus para usá-la como um meio de comércio – pregando para viver – terá muito pouca sensibilidade da grandeza da palavra, a solenidade das questões envolvidas, ou da sua própria insuficiência. Ele estará em perigo por pensar, para sua própria destruição, que a educação humana, a habilidade natural e os conhecimentos intelectuais, darão competência para levar a cabo a obra de Deus. Mas a habilidade natural e tudo o que vem do homem só darão competência aos olhos dos homens. Isso não pode dar nem a sinceridade e nem a competência aos olhos de Deus. A competência do apóstolo era “de Deus”, e ele pregou, não como um bajulador de homem diante de homens, mas em sinceridade “na presença de Deus”; e não na carne, mas “em Cristo”.

2 CORÍNTIOS 3

Nos dias do apóstolo Paulo, vemos o começo de dois grandes maus na confissão cristã. Primeiro, havia aqueles de que ele chama de “Falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transfigurados em apóstolos de Cristo” (2 Co 11:13). Segundo, como resultado, a palavra de Deus era falsificada (2 Co 2:17). Os ministros corruptos levaram à corrupção do ministério. Isso que vemos começar nos dias do apóstolo Paulo foi totalmente desenvolvido em nossos dias. Para resolver esses dois maus o apóstolo coloca diante de nós, no capítulo 3, o verdadeiro ministério e os seus resultados, e nos capítulos 4 e 5 o verdadeiro ministro e as suas marcas. Tendo desta forma o padrão de Deus, somos capazes de julgar o solene afastamento da confissão cristã, enquanto ao mesmo tempo examinamos a nós mesmos quanto à que distância estamos dos pensamentos de Deus.

Primeiro, então, o seu grande alvo, no capítulo 3, é mostrar que a corporação cristã é a carta de Cristo, como ela se torna assim através do ministério do Evangelho e como o que está escrito nela é mantido legível para que todos os homens sejam capazes de ler Cristo em Seu povo.

(Verso 1). Antes de falar deste grande tema Paulo tem o cuidado de mostrar que ele não o faz por algum motivo egoísta. Os falsos mestres tinham se oposto ao seu apostolado; o ensinamento falso tinha obscurecido o ministério. Isso o compeliu a defender o verdadeiro ministério e os verdadeiros ministros; mas, se assim o faz, não é para louvar a si mesmo, ou como buscando recomendação para os Coríntios, ou como tendo de ser recomendado por eles.

(Verso 2). Para afastar tal pensamento, de forma mais delicada, ele se vira para os Coríntios e diz, de certo modo: “Se quisemos recomendar a nós mesmos, não deveríamos falar sobre o nosso ministério ou sobre nós, deveríamos falar sobre vós”. “Vós,” ele diz, “sois a nossa carta”. Eles tinham um lugar tão real em seus afetos que se alguém se opusesse ao seu apostolado ele estava sempre pronto para apontar a todos os homens a assembléia dos Coríntios como aqueles que recomendam tanto ele como o seu ministério.

(Verso 3). Mas como foi que a assembléia dos Coríntios recomendou Paulo? Não foi por eles serem a expressão viva do caráter de Cristo que Paulo tinha pregado? Eles eram em suas vidas práticas uma carta a favor do apóstolo, porque eles eram uma carta que recomendava Cristo a todos os homens.

Paulo pregou Cristo aos Coríntios. O Espírito do Deus usou o ministério para fazer Cristo precioso a esses crentes Coríntios – Ele escreveu a Cristo em seus corações. O Cristo escrito em seus corações se tornou vividamente expresso em suas vidas. Sendo expresso em suas vidas, eles se tornaram testemunhas de Cristo – uma carta, por assim dizer, conhecida e lida por todos os homens. Recomendando a Cristo eles se tornaram uma carta para recomendar a Paulo, um vaso escolhido através do qual tinham ouvido de Cristo.

Aqui, então, temos uma bela descrição da verdadeira corporação cristã, composta de crentes individuais sobre cujo coração Cristo foi escrito, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração. Assim como os homens do passado podiam ler os dez mandamentos em tábuas de pedra, agora eles devem ler Cristo nos crentes. A lei, contudo, foi escrita em tábuas de pedra indiferentes que formavam um testemunho do que os homens deveriam ser, mas deixavam o coração intocado. Através do ministério do Evangelho, o Espírito do Deus vivo escreve Cristo sobre os corações de homens vivos como um testemunho de tudo o que Cristo é.

Algumas vezes se diz sobre os cristãos: “Deveríamos ser cartas de Cristo”. O apóstolo, contudo, não diz: “Deveríeis ser”, mas: “Sois... a carta de Cristo”. Então, ele pode acrescentar, vendo que a assembléia dos Coríntios tinha sido restaurada a uma condição correta: “Já é manifesto que vós sois a carta de Cristo”. O apóstolo assim distingue entre ser a carta de Cristo e ser manifesta como tal, conhecida e lida por todos os homens. Entretendo o pensamento incorreto de que deveríamos ser a carta de Cristo, nos põem a trabalhar na diligência de nos tornarmos assim pelos nossos próprios esforços. Isso não apenas nos conduziria a ocupação legal conosco mesmos, mas também deixaria de fora a obra do Espírito do Deus vivo. O fato é que nos tornamos a carta de Cristo, não pelos nossos próprios esforços, mas pelo Espírito de Deus que escreve Cristo sobre o nosso coração. Se não formos as cartas de Cristo não somos cristãos em absoluto. Um cristão é aquele para quem Cristo se tornou precioso por uma obra do Espírito de Deus no coração. Não é simplesmente um conhecimento de Cristo na cabeça que um homem não convertido pode ter que faz um homem ser um cristão, mas Cristo escrito no coração. Como pecadores, descobrimos a nossa necessidade de Cristo, e estamos carregados com os nossos pecados. Encontramos o alívio descobrindo que Cristo pela Sua obra propiciatória morreu pelos nossos pecados e que Deus aceitou a obra e assentou Cristo na glória. Os nossos afetos são atraídos para Aquele por quem fomos abençoados: Ele se tornou precioso para nós. Por essa razão Cristo está escrito em nosso coração.

A nossa responsabilidade não é procurar andar corretamente para nos tornarmos uma carta, mas, vendo que somos a carta de Cristo, andar corretamente para que ela possa ser lida por todos os homens. É óbvio que se alguém escrever uma carta é com o propósito expresso de ser lida. Se a carta for uma carta de recomendação deve recomendar a pessoa mencionada na carta. Assim quando o Espírito de Deus escreve a Cristo no coração dos crentes, é para que eles possam se tornar em conjunto uma carta de recomendação para recomendar Cristo ao mundo em volta; para que pelo santo e separado caminhar deles, pelo amor mútuo de uns com os outros, pela humildade e brandura deles, pela bondade e graça deles, possam apresentar o caráter encantador de Cristo.

Vamos notar que o apóstolo não diz que vós sois “cartas” de Cristo, mas vós sois a “carta” de Cristo. Ele vê toda a corporação dos santos como expressando o caráter de Cristo. Podemos ser corretamente muito bem exercitados quanto ao nosso caminhar individual, e, contudo desatentos, ou indiferentes à condição de uma assembléia.

Foi assim com os santos Coríntios. Eles, de fato, tinham estado andando de uma forma desordenada; mas, como resultado da primeira carta do apóstolo, tinham se limpado do mal para que ele não apenas possa dizer que como uma assembléia eles eram uma carta de Cristo, mas, que eles eram uma carta “conhecida e lida por todos os homens”.

Ai! A escrita de uma carta pode ficar indistinta, mas ela não deixa de ser uma carta porque está manchada e obscurecida. Os cristãos muitas vezes se parecem com uma carta escrita em alguma antiga lápide. Há fracas indicações de alguma inscrição; uma letra maiúscula aqui e ali poderia indicar que algum nome foi uma vez escrito sobre a pedra; mas está tão gasto pelo tempo, e enegrecido pela sujeira, que é possível decifrar apenas a escrita. Assim, ai de nós, isso pode ser conosco mesmo. Quando o Espírito a princípio escreve Cristo sobre o coração os afetos estão aquecidos e a vida fala claramente de Cristo. A escrita da carta estando fresca e clara é conhecida e lida por todos os homens; mas, quando o tempo passa, o mundo tende a escorregar para dentro do coração e Cristo se desvanece da vida. A escrita começa a se tornar indistinta até que finalmente os homens vejam tanto do mundo e da carne que vêem pouco, se de fato algo, de Cristo na vida.

Sem embargo, apesar de todos os nossos fracassos, os cristãos são a carta de Cristo, e sempre permanece a grande intenção de Deus de que os homens devem aprender do caráter de Cristo na vida dos Seus. Assim como nas tábuas de pedra, no passado, os homens podiam ler o que a justiça de Deus exige dos homens sob a lei, agora, na vida do povo de Deus, o mundo deve ler o que o amor de Deus causa no homem sob a graça.

(Verso 4). O efeito da sua pregação, tão alegremente apresentado na vida mudada dos Coríntios, feito pelo Espírito, leva o apóstolo a falar da sua confiança quanto ao seu ministério. Ele tinha certeza que, pela graça de Deus dada a ele por Cristo, o seu ministério era a verdade que o Espírito podia usar para dar vida.

(Verso 5, 6). Ao mesmo tempo ele tem o cuidado de negar qualquer competência intrínseca nele mesmo. Ele dependia inteiramente de Deus que pela graça lhe permitia proclamar a verdade. A sua competência era de Deus, que tinha feito dos apóstolos ministros competentes do novo concerto.

O novo concerto é trazido para diante de nós pelo profeta Jeremias (Jr 31:31-34). As duas grandes bênçãos do Novo Concerto são o perdão dos pecados, e o conhecimento de Deus. Essas bênçãos, assim como todas as outras, vêm ao homem com base no sangue de Cristo; por isso o Senhor pode dizer, instituindo a ceia: “Este é o cálice do novo concerto no meu sangue”.

A verdade de que os santos são uma carta escrita no coração em contraste com escrita da lei em tábuas da pedra, naturalmente leva o apóstolo a referir-se ao novo concerto, pois no novo concerto a escrita também está no coração, como lemos: “Porei a minha lei no seu interior, e as escreverei no seu coração”. Mas muito embora ele fale dele mesmo como um ministro do novo concerto, tem o cuidado de acrescentar: “Não da letra, mas do espírito”. Ele está escrevendo aos gentios, e para os tais a *letra* do novo concerto só os “mataria”, ou, em outras palavras, os excluiria de toda a bênção; quanto ao que concerne à letra, o novo concerto só se aplica à casa de Israel e Judá. O espírito do novo concerto, ou a bênção que está na mente de Deus da qual o concerto fala, é para todos os homens, segundo a comissão do Senhor aos Seus discípulos de que “o arrependimento e a remissão devem ser pregados em Seu nome a todas as nações” (Lc 24:47).

Então, mudando do espírito do novo concerto para o Espírito Santo, o apóstolo diz: “O Espírito vivifica”. O Espírito Santo dá vida através de uma obra nas almas pela qual elas são trazidas para um conhecimento do Senhor, e remissão dos pecados (Hb 8:10-12).

(Versos 7-11). A partir deste ponto do capítulo o apóstolo, em um longo parêntese (versos 7 a 16) traz um contraste entre o velho e o novo concerto. Isso foi muito necessário porque, como vimos no verso final do capítulo precedente havia falsos mestres que estavam corrompendo a Palavra de Deus, com a consequência de que os santos estavam em perigo de serem conduzidos do campo da graça para uma mistura de lei e graça. O apóstolo mostrará no final do capítulo que somente podemos ser guardados em nossa alma conscientemente no campo da graça tendo os nossos olhos fixos em Cristo na glória, Aquele através do qual toda a graça de Deus flui a nós. Primeiro, contudo, ele fala do caráter do velho concerto, e o seu efeito sobre aqueles que vão para debaixo dele.

Paulo faz várias afirmações definidas em relação à lei:

Primeira: A lei é um ministério de condenação e de morte. Devemos nos lembrar de que a lei é “santa, justa e boa”. Ela era uma regra divinamente dada para a conduta dos homens na terra, e não um meio de apontar o caminho para o céu. Mas ela se aplicava a um homem que era pecador, resultando a comprovação de que ele cometia pecados proibindo

as próprias coisas que estava fazendo. Além disso, ela provava a existência de uma natureza má que *deseja* fazer a própria coisa que é proibida. Enquanto nove dos mandamentos se referem à conduta exterior, aquele que resta aplica-se à disposição interior, pois ele diz: “Não cobiçarás”. Um homem pode estar externamente inculpável na conduta, mas a aplicação desta lei aos seus pensamentos interiores comprovará que ele cobiçou e por isso violou a lei.

A lei, então, convence dos pecados presentes, e prova a existência de uma natureza má. Ela se torna assim um ministério de condenação, e a condenação é morte. A lei santa de Deus aplicada a um homem que já é um pecador deve se tornar um ministério de condenação e morte.

Segunda: A lei foi escrita e gravada em pedras. A lei não escreveu nada no coração dos homens. Ela não disse diretamente aos homens o que eles são, mas antes o que deveriam ser tanto em seu coração como em sua conduta exterior; mas ela não hesitou o coração. Ela disse aos homens o que a vida deles deve ser, mas não deu a eles vida, ou força, ou uma nova natureza. A lei escrita em pedras é uma testemunha perfeita do que eu deveria ser como um filho de Adão, tanto em meus relacionamentos com Deus como com meu próximo.

Se, contudo, ela era um testemunho para mim, era também *um testemunho contra mim*, pois comprovava que não sou o que eu deveria ser. A lei escrita em pedras diz: “Faça isso e viva”. Mas eu sei que não guardei a lei; por isso, a lei gravada em pedras se torna para mim um ministério de morte.

Terceira: A lei é transitória. O apóstolo fala da lei como aquela que deve ser “transitória”. Ela tem de dar lugar àquilo que permanece. Ela veio de passagem até que a Semente viesse. Ela provou a ruína completa do homem e assim abriu o caminho para Deus manifestar a Sua graça. Expondo completamente o homem a lei fez a sua obra e dá lugar à graça e à verdade que veio por Jesus Cristo.

Quarta: A lei é introduzida com glória. Para entender a afirmação de que o velho concerto “começou com glória” devemos nos lembrar de que a glória é a exposição de Deus. A glória de Deus declara quem Deus é. Também temos de ter em mente que a lei foi dada em duas ocasiões, e que o apóstolo se refere à segunda ocasião. Na primeira ocasião Moisés desceu do monte com as tábuas de pedra em sua mão, mas sem a glória em sua face (Ex 32:15). Era a lei pura que fazia exigências sobre o homem desacompanhadas de qualquer revelação da glória de Deus em misericórdia em favor do homem. Quando Moisés se aproximou do acampamento encontrou o povo caído na idolatria, e assim quebraram o primeiro mandamento. Trazer a lei pura para o meio de tal corporação os teria esmagado com julgamento instantâneo. Moisés, por isso, “lança as tábuas das suas mãos e as quebrou”. Ele entra no meio deles sem as duas tábuas. A lei pura nunca entrou no acampamento em absoluto.

Logo depois, Moisés sobe ao monte uma segunda vez e roga a Deus em favor do povo. A este rogo Deus responde em graça, e dá uma revelação parcial Dele em Sua bondade, graça e misericórdia. Este é um vislumbre da Sua glória: não a lei que exige que o homem deve ser, mas a glória que revela o que Deus é. Assim “passando, pois, o SENHOR perante ele, clamou: O SENHOR, o SENHOR Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração” (Ex 34:6, 7). Evidentemente isto não é pura lei; nem é pura graça – a graça

soberana de Deus revelada em Cristo. Ela é antes a bondade no governo de Deus sob o qual é dito que Deus não inocentará de modo nenhum o culpado, ao passo que, sob a graça Deus pode justificar o descrente.

O efeito dessa exposição parcial da glória foi que quando Moisés desceu do monte a segunda vez a sua face brilhava (Ex 34:29-35). Mesmo assim, o povo não pode suportar o reflexo dessa exposição parcial da glória de Deus na face de Moisés. Eles não puderam olhar firmemente a face de Moisés para a glória do seu semblante. Nenhum homem pode suportar uma revelação de Deus, embora parcial, *se acompanhada da lei*. Sob tais circunstâncias, como foi dito: “Você procurará esconder-se de Deus, como fez Adão no jardim do Éden, ou você procurará esconder Deus de você, como Israel fez quando rogaram para que Moisés pusesse um véu sobre o seu rosto” (J. N. Darby).

Está assim comprovado que não podemos suportar o mais leve testemunho da glória de Deus em Sua santidade, graça e bondade, se acompanhado com uma demanda que, pelos nossos próprios esforços, devemos corresponder à glória. Não, quanto mais a glória de Deus é revelada, quando acompanhada da demanda que devo corresponder a ela, tanto mais impossível é para nós suportar a glória.

Tendo mostrado o caráter e o efeito da lei, o apóstolo apresenta em contraste o ministério da graça. Ele fala desse ministério como “o ministério do espírito”, “o ministério da justiça”, o ministério que permanece, e finalmente como o ministério que não apenas excede em glória, mas que subsiste na glória (versos 8-11).

O ministério do Espírito. A lei era “a escritura de Deus esculpida nas tábuas” de pedra (Ex 32:16); o Evangelho é um ministério do Espírito de Deus, através do qual Cristo é escrito no coração. Além disso, a existência, começo e continuação deste ministério do Espírito dependem da glória de Cristo. A glória na qual Cristo está assentado é o testemunho da infinita satisfação de Deus em Cristo e Sua obra. Deus está tão totalmente satisfeito que há agora um Homem na glória – alguém inteiramente apropriado à revelação plena de Deus. A vinda do Espírito é a resposta à Sua glória. Vendo que Cristo está na glória o Espírito Santo pode vir e operar no coração dos pecadores revelando a todos eles que Deus é como declarado na face de Jesus.

O ministério da justiça. Além disso, aprendemos que o Evangelho da glória de Cristo é “o ministério da justiça”. A lei era um ministério de condenação porque exigiu a justiça do pecador, e o condenou pela sua injustiça. O Evangelho, ao em vez da exigir justiça do pecador, proclama a justiça de Deus para o pecador. Ele nos diz que Cristo morreu como a propiciação para os nossos pecados, e que Deus mostrou a Sua completa satisfação com o que Cristo fez por justamente assentá-Lo na glória; e que agora, através de Cristo Deus está proclamando justamente o perdão dos pecados para um mundo de pecadores, e, além disso, pode declarar justamente o pecador que crê em Jesus justificado de todas as coisas (Rm 3:24, 26). Assim o Evangelho da glória de Cristo, não apenas nos fala do amor e da graça de Deus, mas declara a justiça da Deus.

O ministério que permanece. Em contraste com a lei, o ministério da graça é o que permanece. A lei veio com o propósito de expor o homem; era apenas para preparar o caminho para vinda de Cristo. Tendo vindo Cristo, temos Aquele que nunca pode passar, nem a Sua glória ofuscar-se, nem a Sua obra perder a sua eficácia. Por isso, todas as bênçãos do Evangelho da glória, que dependem da glória de Cristo, devem durar tanto quanto o próprio Cristo.

O ministério que subsiste em glória. A lei que é morte foi introduzida com um vislumbre de glória; aquilo que permanece não apenas excede em glória, mas subsiste na

glória; depende para a sua existência da revelação plena da glória de Deus em Cristo. Agora que a glória de Deus foi totalmente satisfeita por Cristo e a Sua obra, a glória de Deus pode ser totalmente revelada no Evangelho da glória.

(Versos 12, 13). Vendo, então, a bem-aventurança do ministério do Evangelho que nos dá um lugar permanente na glória, podemos usar de grande ousadia no falar. Não temos como Moisés que colocar um véu sobre a glória. A glória de Deus em Sua santidade e o amor, podem ser totalmente declarados, vendo o que está exposto na face de Jesus, Aquele que morreu para pôr de lado tudo o que é contrário à glória. A glória na face de Moisés foi velada, com a conseqüência de que Israel não podia ver nem a medida da glória exposta na lei, nem Cristo “o fim” para o qual a lei apontava.

(Versos 14-16). Os pensamentos de Israel foram obscurecidos; e permaneça assim até hoje. Quando eles lêem a lei não podem ver Aquele para quem a lei aponta, por causa da incredulidade do seu coração. O véu que estava sobre a face de Moisés está agora sobre os corações de Israel. Quando finalmente Israel voltar-se ao Senhor o véu será tirado. Assim como conosco, somente quando nos voltamos ao Senhor podemos descobrir a cegueira e obscuridade do nosso coração caído.

(Versos 17, 18). Tendo fechado o parêntese dos versos 7 a 16, o apóstolo continua o assunto do verso 6. Ali ele estava falando do espírito do novo concerto, que é para todos em contraste com a letra que limita o novo concerto a Israel.

Continuando este tema o apóstolo agora diz: “o Senhor é Espírito”. Provavelmente, conforme indicam os eruditos, a palavra Espírito, nesta cláusula, deveria ser em letra minúscula ao em vez de maiúscula. A letra maiúscula faz a palavra referir-se ao Espírito Santo, e isso simplesmente parece ser inteligível (ver W. Kelly em Coríntios). O significado parece ser que o Senhor Jesus é o espírito, ou a essência, do velho concerto. Todas as suas formas, sacrifícios e cerimônias prefiguraram Cristo de diferentes maneiras. A lei tinha uma sombra das boas coisas por virem, mas Cristo é a substância (Hb 10:1; Cl 2:17). A incredulidade não consegue ver Cristo em todas as Escrituras, mas a fé percebe o Senhor em todas as partes da Palavra, e nunca mais claramente do que no tabernáculo, seus sacrifícios e serviços.

O apóstolo passa então de falar do Senhor como o espírito, como o que dá o “verdadeiro encargo interior daquilo que foi comunicado”, para falar do Espírito do Senhor. Aqui, sem dúvida a letra maiúscula é justamente usada, pois todos concordarão que este é o Espírito Santo. O apóstolo afirma que “onde está o Espírito do Senhor ai há liberdade”. Aqueles mencionados em 2 Co 2:17, conduziram os santos em sujeição pelo serviço deles mesmos: o Espírito conduz à liberdade voltando a alma para Cristo na glória. Estes tais não temem a glória do Senhor. Eles podem contemplar a glória vista na face de Jesus sem um véu, pois Aquele em cuja face brilha a glória satisfaz as demandas da glória.

Além disso, há um poder transformador na contemplação do Senhor na glória, e este poder transformador está disponível a todos os crentes – ao mais jovem bem como ao mais velho. “Todos nós”, não simplesmente “nós os apóstolos”, “refletimos a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem”. Esta mudança não é efetuada pelos nossos próprios esforços, nem por nos fadigarmos na diligência de parecer-se com o Senhor. Nem é por procurar imitar algum santo devoto. É pela contemplação da glória do Senhor. Não há véu em Sua face, e quando O contemplamos, não apenas todo véu de obscuridade passará do nosso coração, mas moralmente nos tornaremos cada vez mais semelhante a Ele, sendo mudado de glória em glória.

Assim o Espírito Santo não apenas escreve a Cristo no coração, para que nos tornemos cartas de Cristo, mas, por ocupar o nosso coração com Cristo na glória, Ele nos transforma na Sua imagem, e por isso mantém clara a carta escrita. Somos assim não apenas as cartas de Cristo, mas nos tornamos cartas que são *conhecidas e lidas por todos os homens*.

Ademais o Espírito Santo não nos ocupa com o nosso próprio resplandecer de Cristo. Moisés teve um vislumbre da glória de Deus e imediatamente a sua face brilhou; mas lemos: “Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia” (Ex 34:29). Ele não estava ocupado com o seu rosto brilhante, mas com a glória de Deus. A glória está em Cristo, e somente quando estamos ocupados com Ele podemos refletir um pouco da Sua glória.

2 CORÍNTIOS 4

Nos capítulos 4 e 5, o apóstolo passa do ministério do Evangelho para falar dos ministros, ou servos de Cristo. Isso foi necessário visto que, não apenas tinham surgido muitos no círculo cristão que corrompiam a Palavra de Deus, mas, houve também aqueles que atacavam os servos de Deus, buscando ocasião contra eles, e acusando-os de andar segundo a carne. Estes eram obreiros enganosos que se transformam em apóstolos de Cristo (2 Co 10:3; 2 Co 11:12, 13). Em contraste com esses obreiros enganosos, o apóstolo, nesses capítulos, coloca diante de nós as marcas dos verdadeiros servos de Deus.

(Verso 1). Tendo este ministério do Espírito e da justiça, fundados em Cristo na glória, e tendo recebido misericórdia para fazê-lo conhecido em face a toda oposição, o apóstolo pode dizer: “não desfalecemos”. Olhando para o Senhor, Pedro pode andar sobre a água mesmo agitada; com seus olhos voltados para a água começou a afundar na água mesmo lisa. Assim também o apóstolo com seus olhos voltados para Cristo na glória, e olhando para a glória do Senhor, pode dizer: “não desfalecemos”.

(Verso 2). Além disso, a vida do apóstolo era compatível com o seu ministério. Ele não permitia em sua vida nenhuma das coisas escondidas por vergonha enquanto pregava um Evangelho que as denunciava.

Ele não andava no engano como alguns dos quais ele fala um pouco adiante como sendo “obreiros enganosos”. Ele não procurava servir para os seus próprios fins, ou exaltar a si mesmo, enquanto tomava o lugar de um servo do Senhor. Nem falsificava a Palavra de Deus. Ele não fez nenhuma tentativa de torcer a Palavra de Deus para atender as teorias humanas, nem suavizá-la para poupar a carne. Ele não escondia as suas mais plenas afirmações, fosse expondo a completa ruína e a condenação do homem, ou a plenitude da graça de *Deus*.

Os homens não podiam encontrar nenhuma desculpa para recusar o Evangelho que Paulo pregava por causa de algo em sua vida que ofendesse a consciência; por causa de qualquer motivo baseado na pregação; ou porque ele retinha ou pervertia a verdade. Infelizmente! com os santos coríntios tinha sido bem de outra maneira. Como a primeira epístola mostra, eles tinham permitido muitas das coisas escondidas por vergonha. A obra partidária entre eles tinha levado a um caminhar no engano. Alguns, também, tinham falsificado a Palavra de Deus, negando até mesmo a ressurreição. Eles tinham andado, e tinham tratado a Palavra de Deus, de uma forma que poderia chocar a consciência natural. Os verdadeiros servos de Deus recomendam a si mesmos à consciência dos homens para que possa ser admitido que eles atuem corretamente à vista de Deus. Os homens não estavam preparados para seguir ao Senhor; mas tinham de admitir que não encontravam nenhuma falta Nele.

(Versos 3, 4). Vendo que a vida do apóstolo era compatível com a sua pregação, e que o Evangelho que pregava era uma apresentação plena não corrompida da Palavra de Deus, ele pode dizer: “Se ainda o nosso Evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto”. Com Paulo não havia nenhum véu – nada para obscurecer o testemunho – tanto na pregação como no pregador. Ele entregou a verdade tão puramente quanto a tinha recebido. Se sob tal ministério o Evangelho era rejeitado era porque havia um véu de incredulidade no coração dos ouvintes. Satanás, o deus deste mundo, usava a incredulidade do homem para cegar as suas mentes contra a luz do Evangelho da glória de Cristo. Por isso o resultado era fatal, os deixava em sua condição perdida. Como alguém disse: “Não é

simplesmente porque Satanás a obscurece para eles, mas é a própria incredulidade deles que os conduz sob do poder de Satanás”.

Conosco pode haver inconsistências em nossa vida que diminuem o Evangelho pregado; e o Evangelho que pregamos pode estar misturado com a imperfeição; por isso é que não podemos dizer definitivamente de ninguém que ouve, e se vai sem ser salvo, que ele recusou de fato o Evangelho. Há uma grande diferença entre ouvir e recusar. Um ouvinte do Evangelho pode vir e ouvi-lo novamente e ser salvo.

Além disso, o Evangelho que Paulo pregava não era apenas que Cristo tinha morrido, e ressuscitado, mas que Ele está glorificado – “o Evangelho da glória de Cristo”. Não é apenas que Cristo está na glória, mas que Aquele que plenamente mostra Deus está glorificado, o testemunho eterno da infinita satisfação de Deus em Cristo e Sua obra, bem como o lugar para o crente de aceitação e favor, e a base justa da proclamação do perdão e salvação para os pecadores.

(Verso 5). Tendo apresentado a modo de pregar, e o Evangelho que pregou, o apóstolo pode verdadeiramente dizer: “Não pregamos a nós mesmos”. Quando a luz do Evangelho da glória de Cristo resplandeceu em seu coração ele descobriu sua própria insignificância. Ele descobriu que apesar de todos os seus alardeados privilégios sob a lei, estava perdido, e apesar de toda a sua inimizade para com Cristo e os Seus, pela graça foi salvo. Depois disso não podia falar dele mesmo, mas apenas de Cristo Jesus o *Senhor*, e ele mesmo o *servo*. O certa vez orgulhoso fariseu se tornou, por causa de Jesus, o servo daqueles que tinha certa vez perseguido.

Este serviço de fato poderia implicar sofrimento de toda espécie, e levar a ser mal entendido, e muitas vezes negligenciado ou até objetado pelos próprios santos, contudo, por causa de Jesus resistiu a tudo. O interesse pessoal, o ganho temporal, a auto-exaltação e o aplauso dos homens, são todos perdidos de vista no gozo de servir por causa de Cristo. Quão verdadeiramente ele pode dizer: “Não pregamos a nós mesmos”.

(Verso 6). Esta grande mudança tinha sido ocasionada pela operação de Deus no coração do apóstolo através da qual a luz da glória de Deus na face de Jesus tinha iluminado a sua alma em trevas, exatamente como pela Palavra de Deus a luz física tinha afastado as trevas quando Deus formou a terra para o homem. Além disso, o resplandecer da luz no coração do apóstolo não foi somente para a sua própria bênção, mas também para resplandecer em outros o Evangelho da glória de Cristo.

(Versos 7-9). Nos Versos que seguem (7-12) o apóstolo fala do vaso que Deus usa em Seu serviço. Os anjos são servos, mas eles são preteridos e aprendemos que Deus selecionou para o Seu serviço homens com corpos sujeitos ao sofrimento, decadência e morte. O tesouro é por isso colocado em vasos térreos. Os homens freqüentemente colocam os seus tesouros em um porta-jóias muito caro; e de vez em quando o porta-jóias eclipsa a jóia. Deus coloca o Seu tesouro em um vaso de barro perecível, frágil. Ele assim faz tudo do tesouro, por um lado, e a excelência do Seu poder por outro. Quão perfeito em sabedoria são todos os caminhos de Deus! Tivesse Deus posto este tesouro nos gloriosos anjos que sobressaem em força, não teria o homem sido capturado pela glória do vaso e não pela glória do tesouro? E que alcance teria tido a exposição do poder de Deus em um ser espiritual que sobressai em força? Na verdade se poderia pensar que o vaso terreno seria um estorvo para resplandecer a luz. Mas a própria fraqueza do vaso se torna apenas a ocasião para se fazer manifesto a excelência do poder de Deus. Se a luz brilhar de um pobre homem débil é evidente que o poder é de Deus. Se dois pescadores iletrados e ignorantes puderam fazer de um coxo um homem completamente perfeito, e então pregarem para que

cinco mil homens fossem convertidos, à vista de toda a oposição dos líderes religiosos e administradores sociais deste mundo, é evidente que foram supridos por um algum poder excelente – um poder que é maior do que todo poder ostentado contra eles. Este poder é a poderosa força de Deus presente com o Seu povo pelo Espírito Santo.

O vaso terreno, com a resplandecente luz, parece ser uma alusão a Gideão e seus trezentos seguidores. Eles tiveram que tomar “cântaros vazios, com tochas neles acesas”. Então, no momento certo, eles soaram as suas trombetas, quebraram os seus jarros e a luz resplandeceu (Js 7:16-20). O cântaro vazio no qual a luz foi colocada era, em um sentido, um estorvo para a luz resplandecer. Por isso o cântaro teve de ser quebrado. Neste capítulo nos é permitido ver as circunstâncias angustiantes que são permitidas virem sobre o homem exterior, para mostrar que, se o homem exterior perece, é para que ele possa manifestar o poder de Deus e a luz brilhe.

Se um anjo tivesse sido enviado para este serviço ele não poderia ter sido atribulado, ou perplexo, ou perseguido; pois ele não teria corpo que pudesse ser afetado pelas circunstâncias. Um testemunho dado por um anjo teria sido um testemunho dado por alguém com poder irresistível, como, de fato será nos dias ainda por virem dos quais lemos em Apocalipse. Um testemunho dado por um homem com um corpo frágil é um testemunho dado em circunstâncias de fraqueza. Sem embargo, a própria fraqueza apenas demonstra a excelente grandeza do poder de Deus.

Assim Paulo foi atribulado por todos os lados; este era o vaso de barro. Embora fosse atribulado não estava angustiado – isto era o poder de Deus. Ele estava perplexo – o vaso de barro; mas o seu caminho não estava inteiramente fechado – o poder de Deus. Ele foi perseguido – o vaso de barro; mas não desamparado – o poder de Deus. Ele estava abatido – o vaso de barro; mas não destruído – o poder de Deus.

(Versos 10-12). Em todas essas aflições trazia no corpo a morte de Jesus, para que a vida também de Jesus pudesse ser manifesta. É bom notar que o apóstolo não diz a morte de Jesus. A morte de Cristo de fato colocou o crente além do poder da morte e do julgamento em um lugar inteiramente novo diante de Deus em Cristo. Aqui, contudo, o apóstolo não fala da morte de Jesus como fazendo expiação diante de Deus; mas da morte de Jesus como o santo Mártir sofrendo nas mãos de homens. Morrendo na Cruz Ele foi o objeto de reprovação e desprezo dos homens – Aquele sobre quem eles amontoaram todo insulto e indignidade. Não podemos compartilhar dos sofrimentos expiatórios da Sua morte sob a mão de Deus; mas podemos compartilhar na nossa medida dos sofrimentos de mártir morrendo nas mãos dos homens. Por levar um testemunho tão fiel de Cristo, Paulo teve de enfrentar em certa medida o que o Senhor enfrentou em plenitude quando morreu. O corpo de Paulo estava constantemente submetido aos sofrimentos e insultos, e desta forma carregava em seu corpo o que o Senhor teve de carregar quando morreu, com o abençoado resultado de que a vida perfeita de Jesus foi manifesta em seu corpo. Os sofrimentos do Senhor como mártir quando morreu não trouxeram a tona nenhum murmúrio, nem reclamação, dos Seus lábios; ao contrário eles arrancaram do Seu coração o infinito amor que O levou a orar pelos Seus assassinos. Segundo esse modelo perfeito os sofrimentos e as perseguições às quais o apóstolo foi exposto, através do seu corpo, se tornaram a oportunidade para anunciar as graças da vida de Jesus. Se o apóstolo foi constantemente entregue a morte, não foi como castigo por algo que precisava de correção em sua vida. Não foi por causa dele mesmo, mas por causa de Jesus para que a morte fosse abundante nele para que também a vida de Jesus pudesse ser manifesta em sua carne mortal. Enquanto

Paulo sofria as aflições da morte, outros viam a bem-aventurada vida; assim ele pode dizer: “De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida”.

(Verso 13). O apóstolo prossegue para falar do poder que, ao seu lado, o sustentou em todas essas provações. Foi o poder da *fé*. Foi o mesmo espírito de fé que sustentou o Salmista quando as tristezas da morte o circundaram, quando enfrentou problemas e tristezas, e foi grandemente afligido. Então pode falar de vida, pois disse: “Andarei perante a face do SENHOR na terra dos viventes”. Então ele nos diz como foi que no meio da morte pode falar da vida, pois disse: “*Cri*, por isso falei” (Sl 116:3, 9, 10).

(Verso 14). Além disso, o apóstolo nos diz o que segurou a sua fé. Tinha diante dele a força poderosa de Deus que tinha levantado Cristo dos mortos; pela fé ele sabia que aquele mesmo poder estava com ele e o levantaria com Jesus e o apresentaria a Jesus em companhia com os santos vivos e transformados. Assim ele podia enfrentar a morte diariamente, sustentado pela fé no Deus da ressurreição.

(Verso 15). Ademais todas as provações e experiências pelo que o apóstolo passou foram por causa da igreja e para a glória de Deus. As suas provações não foram simplesmente para o seu bem, mas para o bem de todos; desta forma a graça dada a um abunda para muitos, causando o agradecimento de muitos para a glória do Deus.

(Verso 16). Assim se a glória do Deus era assegurada pelas provações do apóstolo, ele não desmaiou. Muito embora, o homem exterior – o homem em contato com esta cena – está se corrompendo sob o stress das provações, a perseguição, a enfermidade e a idade. O homem interior – o homem em contato com as coisas espirituais e não visíveis – é renovado de dia em dia. Há crescimento espiritual no homem interior. As próprias provações e a enfermidade que enfraquecem e gastam o corpo se tornam a ocasião para fortalecer e renovar o espírito.

(Verso 17). Vendo então que nas provações e aflições o homem interior é renovado, o apóstolo considera as aflições presentes “leves” e de duração “momentânea”, e que operam para o bem. Essas provações momentâneas terão uma resposta eterna. As aflições são temporais, leves e humilhantes, mas produzem “um peso eterno de glória”.

(Verso 18). É, contudo, somente quando olhamos, não para coisas visíveis, mas para as coisas que não são visíveis, que somos sustentados sem desmaiar em meio às provações. As coisas visíveis são apenas por algum tempo; as coisas não visíveis são eternas.

O capítulo precedente tinha encerrado com a visão da glória do Senhor: este com a visão das coisas não visíveis. Lá o crente reflete Cristo por ver Cristo em glória, e é assim sustentado como uma carta de Cristo conhecida e lida por todos os homens. Aqui ele é sustentado em meio às provações vendo o peso não visível e eterno da glória ainda por vir.

No decorrer do capítulo vemos uma bela revelação de um servo verdadeiro visto como um vaso do Senhor. Às vezes falamos em sermos canais de bênção. Mas a Escritura alguma vez fala deste modo? Um canal é simplesmente um canal pelo qual algo flui; ele não contém nada. Um vaso contém algo e tem de ser cheio antes que possa comunicar a outros.

Primeiro, vemos que o vaso deve ser um *vaso limpo* para o uso do Senhor – colocado à parte das coisas vergonhosas (verso 2).

Em segundo lugar, o vaso deve ser *esvaziado*. Tudo o que é do ego deve ser deixado de lado, para que Cristo possa ter o Seu verdadeiro lugar como “Senhor”, e nós o nosso lugar como “servos” (verso 5).

Em terceiro lugar, o vaso deve ser *cheio*. A luz de Cristo na glória deve encher o nosso coração para que possamos ser testemunhas de Cristo. Tiago se tornou uma

maravilhosa testemunha de Cristo quando, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para o céu, e viu a glória de Deus, e Jesus à direita de Deus (verso 6).

Em quarto lugar, o vaso deve ser *quebrado* para o poder de Deus seja manifesto. Somos apenas vasos de barro, e a própria fraqueza do corpo se torna a ocasião para a exposição do poder de Deus. Quão notável foi o poder de Deus exposto em Tiago quando as pedras quebraram o vaso de barro! (versos 7-9).

Em quinto lugar, o vaso ao ser quebrado, *a luz brilha* (versos 10-12). Se a sentença de morte for mantida sobre tudo o que somos quando na carne, a vida de Jesus brilhará. Quando Tiago, em um sentido literal, foi “entregues a morte por amor a Jesus”, também a vida de Jesus se tornou manifesta; pois ele orou assim como Cristo fez, e entregou o seu espírito ao Senhor, assim como o Senhor entregou o Seu ao Pai.

Em sexto lugar, a luz da vida de Jesus que brilha através do vaso de barro, o torna *um vaso para a glória de Deus* (verso 15).

Em sétimo lugar, aquele que usa o vaso para a glória de Deus terá a abençoada compreensão de que está *transmitindo “um peso eterno de glória”* (verso 17).

2 CORÍNTIOS 5

No último capítulo aprendemos que o apóstolo foi guardado de desfalecer, sob suas muitas provações, olhando além das coisas temporais e visíveis para as eternas e invisíveis. No capítulo 5 temos o privilégio de aprender algo sobre a bem-aventurança dessas coisas eternas. Olhamos para os “céus” para ver que há um corpo glorificado que espera todo crente; para que estejamos com o Senhor (verso 8), fazendo parte da nova criação na qual “as coisas velhas já passaram” e “tudo se fez novo” (verso 17).

(Versos 1-4). Utilizando da figura de uma casa, o apóstolo contrasta esse corpo mortal no qual vivemos com o corpo glorificado que está preparado para nós. A nossa habitação presente é terrestre, humana, temporal e mortal. O nosso corpo glorificado é “do céu”, “de Deus,” eterno e imortal. Com a confiança que a fé dá, o crente pode dizer sem uma sombra da incerteza: “sabemos” da porção abençoada que nos espera quando formos libertos desse corpo mortal. Com esta porção assegurada para nós, o apóstolo pode dizer duas vezes: “gememos”. Tendo em vista a glória do novo corpo, gememos com o desejo autêntico de ser revestido. Sentindo os encargos que pressionam o corpo mortal, gememos com o desejo de ser despido. Quando aqui, o Senhor gemia quando sentia as tristezas que vinham sobre Si mesmo enquanto nesse corpo mortal (Jo 11:33, 38). Deus permite um gemido, mas nunca uma murmuração.

Estando vestidos com este corpo glorificado, não seremos encontrados “nus”, como Adão caído e exposto ao juízo. Nem o apóstolo deseja a morte como tal. Ele simplesmente não procurava estar despido, e assim escapar das provações presentes, que serão abençoadas. Ele desejava a plena benção de ter o novo corpo. Ele procurava pelo arrebatamento quando o corpo dos crentes vivos será mudado para corpo glorificado sem passar pela morte; pois aqui ele não fala do corrupto sendo revestido do incorrupto, mas do corpo mortal revestido da imortalidade, e assim “absorvido pela vida”.

(Verso 5). Esta abençoada porção será inteiramente o resultado da obra de Deus. Ele nos fez tendo em vista este corpo da nova criação, e, para que possamos entrar agora mesmo na benção do futuro, Ele nos deu o penhor do Espírito.

(Versos 6-8). Entrando nesta gloriosa perspectiva pelo penhor do Espírito, estamos “sempre de bom ânimo”. Se ainda presentes no corpo, e por esta razão ausentes do Senhor, estamos confiantes, porque andamos por fé, e não por vista. Se formos chamados para passar pela morte, antes que o Senhor venha, “temos confiança”, pois isso significará a bem-aventurança de estar “com o Senhor”.

(Verso 9). O efeito prático de entrar na bem-aventurança da porção que está diante de nós será de nos fazer zelosos para sermos “agradáveis” a Deus em toda a nossa caminhada e procedimentos; não somente no futuro, mas durante o tempo em que estamos ausentes do Senhor. De fato, podemos mostrar muito zelo buscando viver de uma forma que é agradável a nós, ou em nos fazer agradável a outros. Mas fazemos bem em nos perguntar: Somos zelosos para que, em todos os nossos pensamentos e palavras, em nossa caminhada e procedimentos, possamos estar agradando a Deus?

(Verso 10). A menção da nossa caminhada leva o apóstolo a falar da nossa linha de conduta responsável, e do que fizemos em contraste com o que Deus em Sua soberania operou. Por essa razão ele considera o trono do julgamento de Cristo que está no final da nossa linha de conduta responsável. Ele diz: “Todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo”. O contexto poderia parece mostrar que a afirmação do apóstolo é geral, já que ele

inclui os crentes e descrentes. Considerando, contudo, que os crentes estarão ali, ele não diz: “Todos devem ser julgados”, mas: “Todos devem comparecer”. Pela mesma razão, talvez, ele não fale do julgamento das pessoas, mas “do que tiver feito por meio do corpo”. As próprias palavras do Senhor nos dizem que o crente “não entra em condenação” (Jo 5:24). Mais uma vez vamos nos lembrar de que alcançamos o tribunal de Cristo pela vinda de Cristo, através do qual seremos “transformados à imagem do celestial”. Por essa razão quando estamos ante o tribunal de Cristo teremos um corpo glorioso como Cristo; seremos como o Juiz.

Para os crentes serão os nossos feitos, as coisas feitas na carne, tanto boas como más, que serão passadas em revista. Quantos dos erros, assim como dos acertos em nossa vida, que nos esquecemos completamente, ou nunca nem mesmo conhecíamos, mas todos serão recordados então, para que nos conheçamos assim como somos conhecidos. O efeito não será o de aprofundar na apreciação do amor e graça que, de um lado, já tratou com toda a nossa maldade e nos trouxe seguros para casa apesar dos nossos muitos fracassos, e, por outro lado, recompensa o menor ato que teve Cristo como seu motivo? Não fosse todo o passado recordado, como alguém disse, “perderíamos materiais para a canção de louvor que será nossa para sempre”. A manifestação no tribunal de Cristo não é para nos ajustar à glória, mas para nos capacitar a desfrutar ao máximo da glória.

(Verso 11). O apóstolo passa a falar do efeito presente do conhecimento de que todos nós devemos ser manifestados diante o tribunal de Cristo. Os crentes bem como descrentes estarão diante o tribunal de Cristo, embora saibamos de outra Escritura, que será em tempos muito diferentes e para fins muito diferentes. Para os descrentes, o dia da manifestação será um do terror, pois significará, não apenas a manifestação dos feitos, mas o julgamento deles. Sabendo isso, o apóstolo persuade os homens a fugirem da ira vindoura.

Além disso, o efeito do conhecimento de que seremos manifestados no tribunal de Cristo será o de procurar ser “manifesto a Deus” agora mesmo, e assim viver e caminhar na presença Daquele para quem somos totalmente conhecidos. Além do mais, a confiança do apóstolo era que, andando assim diante de Deus, ele manifestaria um caminhar em direção aos santos que seria aprovado pelas suas consciências.

(Verso 12). A sua vida falando desta maneira, não haveria nenhuma necessidade de recomendar a si mesmo; sem embargo, ele confiava que a sua vida daria a eles ocasião para se gloriarem a seu favor, e assim responderem àqueles que se gloriaram na aparência exterior diante dos homens, embora necessitem dos motivos puros e escondidos do coração diante de Deus.

(Versos 13, 14). Em contraste com os insensíveis jactanciosos na aparência externa, o apóstolo foi movido por afetos divinos que o elevaram para fora de si mesmo na alegria por tudo o que Deus é, e ainda o fez profundamente racional com relação aos santos. Mas se fora de si mesmo, ou racional, foi o amor de Cristo que o constrangeu. Este amor tinha sido manifestado em toda a sua plenitude na Cruz. Ali Cristo morreu por todos; o testemunho do amor de Cristo por todos, bem como da necessidade profunda de todos. Por essa razão, na pregação de Paulo para o mundo, ele foi movido tanto pelo terror do Senhor, como pelo amor de Cristo que constrange.

Assim aqui passa diante de nós, nesses versos examinados, o efeito prático do conhecimento de que todos nós devemos comparecer ante o tribunal de Cristo. (1) Com relação ao mundo, isso levou o apóstolo a “persuadir os homens”. (2) Com relação a ele mesmo, isso o levou a caminhar, como sob o olhar de Deus, sendo manifesto a Ele. (3) Com relação aos santos, isso o levou a caminhar de uma forma que o recomendaria à

consciência deles. Por isso, em seu caminhar e proceder, ele considerou a necessidade do mundo, o temor de Deus, e a consciência dos santos.

(Verso 15). O apóstolo prossegue para falar do amor de Cristo como o poder que constrange a nova vida do crente. Se, em Seu grande amor, Cristo morreu e ressuscitou por nós, nos convém que não vivamos mais para nós mesmos, mas “para Ele”.

(Versos 16-18). Mas se Cristo morreu e ressuscitou, Ele é Aquele que não podemos mais conhecer na terra, e na carne, mas como Aquele que tem um corpo glorificado, em um lugar inteiramente novo na glória. Isso leva o apóstolo a falar da “nova criação”. A morte é o fim da velha criação, e a ressurreição é o começo da nova. Na velha criação o mundo material foi criado primeiro, e então Adão, o cabeça desta criação. Na nova, Cristo, o Cabeça, vem primeiro, então aqueles que são de Cristo, e finalmente o novo céu e a nova terra na qual as “coisas velhas já passaram” – o pecado, a tristeza, a dor, as lágrimas e a morte; e onde todas as coisas são novas, e “tudo isto provém de Deus”. Todas as coisas naquela cena formosa sendo de Deus, serão ajustadas a Deus, e por isso uma cena na qual Deus pode descansar com perfeita complacência. Entrementes Deus já reconciliou os crentes Consigo mesmo por Jesus Cristo. Pela obra de Cristo somos colocados diante de Deus em Cristo, livres da penalidade do pecado e em todo favor que repousa sobre Cristo na glória, e com o amor de Deus derramado em nosso coração.

(Versos 19-21). Sendo reconciliado, o apóstolo pode dizer que nos é dado o ministério da reconciliação, com o qual podemos ir ao mundo. Quando Cristo estava aqui, Deus estava em Cristo proclamando o amor e a graça de Deus. Mas Cristo foi rejeitado e se foi do mundo. Mas, ainda assim, durante o tempo da Sua ausência, a graça de Deus envia os Seus servos como embaixadores de Cristo rogando ao pobre mundo, no lugar de Cristo, que se reconcilie com Deus. Notar-se-á no verso 20 que o “nós” e “vós”, repetido duas vezes, devem ser omitidos. A inserção desses pronomes limita a verdade aos crentes; ao passo que o apelo é ao mundo.

O crente está reconciliado, e sabe que isso foi efetuado pela morte de Cristo, na qual Ele foi feito, aquilo que éramos diante de Deus, na cruz, para que pudéssemos nos tornar o que Ele é diante de Deus na glória, e assim nos tornou perfeitamente apropriado para Deus. Em vista do julgamento vindouro, o apóstolo “persuade” os homens; em vista da graça de Deus, que proclama a obra de reconciliação, ele “roga” aos homens. Se os homens recusarem a graça reconciliadora, não há nada mais para eles além do terror do julgamento.

Resumindo as grandes verdades deste capítulo, que passam diante de nós, primeiro, a casa que é do céu, que nos livra do temor quanto ao que pode acontecer com esses corpos enquanto aqui em baixo (versos 1-8); em segundo lugar, o tribunal de Cristo, que nos leva a procurar ser agradável a Cristo, e persuadir os homens (versos 9-12); em terceiro lugar, o amor de Cristo, que nos constrange a viver para Ele e não para nós (versos 13-15); em quarto lugar, a nova criação, que nos livra de conhecer os homens segundo a carne (versos 16, 17); e, em quinto lugar, a reconciliação que nos leva a rogar a outros que se reconciliem com Deus.

2 CORÍNTIOS 6

(Verso 1) No final do capítulo 5 o apóstolo nos diz que ele roga aos pecadores que se reconciliem com Deus. Este capítulo abre com um apelo aos santos, os exortando a não receberem a graça de Deus em vão. Nesta exortação não há nenhuma intenção de colocar em questão a segurança do crente, nem qualquer sugestão de que a graça uma vez recebida possa ser perdida. O contexto, no verso 3, mostra claramente que este é um apelo àqueles que receberam a graça de Deus, que traz a salvação, para terem cuidado de permitirem algo em sua prática inconsistente com esta graça. Uma exortação a qual fazemos bem tomar conhecimento, mas isso teve uma aplicação especial para aqueles cuja conduta os tinha exposto a severa repreensão.

(Verso 2) Para mostrar a grandeza da graça de Deus, que proclama a salvação a um mundo de pecadores, o apóstolo cita Isaías 49. Nesta profecia aprendemos que, embora Cristo fosse rejeitado pelo homem, contudo, Deus é glorificado em Cristo, e Cristo é glorioso aos olhos de Jeová (3-5). Então, sendo Deus glorificado, aprendemos que no futuro Israel será restaurada, e a bênção fluirá para os gentios, levando salvação aos confins da terra (6). Isso leva à passagem citada pelo apóstolo que nos diz que toda esta bênção vem através de Cristo que é ouvido, aceito, e socorrido por Deus. Com base em tudo o que Cristo é, e fez, a graça de Deus é pregada aos gentios durante o tempo em que Cristo é o Homem aceito na glória, e os crentes aceitos Nele, introduzindo assim o dia quando a salvação é proclamada aos pecadores.

(Verso 3) Quão importante, então, no dia da salvação, que aqueles que receberam esta graça não permitam alguma coisa inconsistente em sua vida que faria tropeçar aqueles a quem a graça é proclamada, ou desprezam a pregação. O cristianismo deve se tornar conhecido, não apenas pela proclamação de grandes verdades, mas também pela vida transformada daqueles que pregam as verdades.

(Verso 4) Por essa razão, em uma passagem que chama a atenção, o apóstolo é levado a colocar a vida vivida por ele mesmo e pelos seus co-obreiros, na presença de provações, e oposição, as quais não apenas não trazem censura para o ministério, mas exibem qualidades morais que recomendam os ministros.

Em primeiro lugar, o apóstolo fala de circunstâncias de provação que são comuns à humanidade: as “aflições” que tocam o corpo; as “necessidades” que resultam das necessidades diárias; e as “angústias” pela falta de recursos para cumprirem essas necessidades. Todas essas coisas foram recebidas “na muita paciência”, ou “perseverança”, que recomendaram os servos.

(Verso 5) Em segundo lugar, eles se recomendaram pela paciência com a qual receberam as provações especiais que vieram sobre eles como servos do Senhor - açoites, prisões e tumultos.

Em terceiro lugar, além disso, eles se recomendaram pela paciência com a qual receberam todos os exercícios com relação à obra do Senhor, e ao povo do Senhor - trabalhos, vigílias e jejuns.

(Versos 6-10) Em quarto lugar, estes servos se recomendaram por exibirem algumas qualidades morais encantadoras que marcaram a Cristo em Sua caminhada neste mundo - pureza, ciência, longânime, e benignidade.

Em quinto lugar, eles também se recomendaram pelo poder e pelos motivos que os animaram em seu serviço. Ele foi executado, não na carne, mas “no Espírito Santo”; não na

malícia e na inveja, mas “no amor”; não segundo as especulações do homem, mas “na palavra da verdade”; não em poder humano, mas “no poder de Deus”.

Em sexto lugar, eles se recomendaram por uma vida de justiça prática em relação aos homens em qualquer das mãos, fossem tratados com honra ou desonra e através de boa ou má reputação. Assim, tendo a couraça da justiça, eles estavam armados contra todo ataque do inimigo.

Em sétimo lugar, eles se recomendaram como servos de Deus por seguirem, dentro de suas possibilidades, o caminho que Cristo tinha trilhado em perfeição. Em um mundo como este, o verdadeiro servo de Deus será de vez em quando tratado como enganador por alguns e como verdadeiro por outros. Foi assim com o Senhor, pois alguns ousaram dizer: “Ele engana o povo”, enquanto os outros disseram que era “um bom Homem” (Jo 7:12). Assim, também, em Seu caminho o Senhor foi tratado como “desconhecido”, pois os fariseus disseram: “Quanto a este, não sabemos de onde Ele é”, ao passo que o homem com os olhos abertos pode dizer: “sabemos” que Ele é “de Deus” (Jo 9:29-32). Ele também, muitas e muitas vezes, encarava a morte, e, contudo permanecia vivo (Lc 4:29, 30; Jo 8:59). Em tudo isso o discípulo não está acima do seu Mestre, nem o servo acima do seu Senhor. É suficiente para o discípulo ser como o seu Mestre, e o servo como o seu Senhor.

Além disso, em nossa caminhada, temos de encarar o que não foi conhecido pelo Senhor. Para manter nossos pés no caminho deveremos ser disciplinados pelas provações circunstâncias, ainda que não permitamos sermos mortos. Em tais provações os servos do Senhor podem se aprovar pela sua submissão, assim como Jó que em sua grande provação pode dizer: “O SENHOR o deu, e o SENHOR o tirou; bendito seja o nome do SENHOR” (Jó 1:21). Tal tratamento do Senhor nos preparará de algum para entrarmos nas experiências do Senhor, que foi, de fato, o Homem de dores, e, contudo, com uma escondida explosão de alegria (Lc 10:21). Ele, também, se tornou pobre para que pela Sua pobreza pudéssemos ser ricos (2 Co 8:9); e Ele passou por este mundo como não tendo nada e possuindo tudo. Sem dinheiro para pagar o tributo, Ele ainda pode comandar os peixes do mar (Mt 17:24-27).

Assim, seja nas circunstâncias que passaram, ou nas provações que tinham que encarar, nos exercícios espirituais envolvidos no serviço deles, nas qualidades morais que exibiram, na justiça prática que os marcara, ou no caminho que trilharam seguindo o Mestre, o apóstolo e seus co-obreiros recomendaram a si mesmos como servos de Deus.

(Versos 11-13) Mas ao passar diante da assembléia dos Coríntios uma revista da vida que ele viveu, estava abrindo-lhes o seu coração com grande plenitude, e o fato de que assim o fez era uma prova do seu amor para com eles. O seu coração estava dilatado para com eles. Eles não tinham lugar estreitado em seus afetos, mesmo se tivessem perdido o seu afeto pelo apóstolo. Ainda mais, por ele abrir o seu coração a eles procurou uma vivificação do amor deles por ele, e conseqüentemente para que seu amor fosse recompensado. Eles eram os seus filhos na fé, e ele, por isso, poderia bem contar com os seus corações dilatados de amor para com ele.

(Verso 14) Tendo apelado para o coração deles, o apóstolo agora se dirige à consciência deles. Os seus limitados afetos em relação ao apóstolo podiam ser rastreados pelas associações negligentes deles com os incrédulos. Como sempre, as associações mundanas despojam os crentes dos afetos espirituais, e os incapacitam para a comunhão com Cristo, e o gozo do círculo cristão. Com um olho simples para com Cristo os nossos pés serão mantidos no caminho estreito da separação do mundo, enquanto os nossos corações estarão alargados para tudo o que é de Cristo.

Referindo-se à lei, que proibia animais diferentes como um boi e um asno serem jungido juntos no arado (Dt 22:10), o apóstolo nos adverte contra sermos presos “a um jugo desigual com os infiéis”. O apóstolo então expõe quatro razões que mostram a completa inconsistência do jugo desigual.

Em primeiro lugar, os crentes e os infiéis são governados *por princípios opostos*. A justiça não pode ter nenhuma comunhão com a injustiça, nem a luz com as trevas. O apóstolo não sugere que o incrédulo é necessariamente desonesto em seu procedimento com o seu próximo; mas ele age segundo a sua própria vontade sem a referência de Deus, e anda na ignorância de Deus.

(Verso 15) Em segundo lugar, os crentes e os infiéis estão sob *lideranças muito diferentes*. O crente é controlado por Cristo; o infiel é dirigido pelo príncipe deste mundo - Belial, um nome que significa uma pessoa indigna, ou sem lei, e por essa razão é usado como um nome próprio para indicar Satanás. Que concórdia pode haver entre Cristo e Belial?

Em terceiro lugar, se não há nenhum acordo entre Cristo e Belial, não pode haver parte entre *os seus seguidores* - fiéis e infiéis.

(Verso 16) Em quarto lugar, os santos de Deus vistos *coletivamente*, como o templo de Deus, não podem estar em acordo com aqueles que adotam qualquer objeto idólatrico que ignora Deus. A Escritura mostra claramente que até sob a lei a intenção de Deus era de viver entre o Seu povo (Ex 29:45; Lv 26:12). Em um sentido muito mais profundo e mais espiritual isso é verdade quando o Espírito Santo veio, pois o apóstolo pode dizer: “Vós sois o templo do Deus vivente”.

(Verso 17) Visto então que os crentes são marcados pela justiça e luz, sob a liderança de Cristo, e do templo de Deus, há a obrigação imperativa de sair do mundo e ser separado do mal. O apóstolo intensifica a sua exortação aludindo a Isaías 52:11, onde lemos: “Retirai-vos, retirai-vos, saí daí, não toqueis coisa imunda; saí do meio dela, purificai-vos, os que levais os vasos do SENHOR”

(Verso 18) Mais uma vez o apóstolo cita o Velho Testamento para mostrar que no átrio exterior - na separação do mundo e sua impureza - os crentes podem gozar do seu relacionamento com Deus como Pai. A graça, de fato, na base da obra de Cristo assegurou esse relacionamento dos crentes, mas somente quando estamos na separação do mundo e da sua maldade, ele pode ser desfrutado. O Pai algumas vezes está pronto para manifestar o Seu amor, mas Ele não pode comprometer a Sua santidade.

Assim o apóstolo procura despertar a nossa consciência quanto a toda associação inconsistente com a nossa porção e privilégios como cristãos para que os nossos pés possam ser mantidos no caminho estreito da separação com nosso coração alargado para abraçar todo o povo de Deus andando no temor de Deus.

(Capítulo 7: 1) O apóstolo resume a sua exortação suplicando a esses santos como caro amado, a atuarem sobre essas promessas e limparem-se de toda a imundícia da carne e do espírito. Podemos, meu Deus! ter cuidado em manter uma vida exteriormente sem culpa, e, contudo, sermos desatentos quanto aos nossos pensamentos. Andando na separação da maldade exterior e interior, haverá crescimento na santidade quando andamos no temor de Deus.

2 CORÍNTIOS 7

Tendo exposto a vida consistente dele mesmo e de seus co-obreiros, e exortado a assembléia em Corinto a ser compatível com a graça de Deus em seu viver e associar-se, o apóstolo agora procura retirar qualquer impressão incorreta a seu respeito que poderia surgir em seus corações, seja através do seu tratamento fiel para com eles, ou pelas insinuações maliciosas daqueles que procuravam depreciá-lo para se exaltarem (2 Co 10). Ele procura mostrar que em todas as suas cartas e ações fiéis, em relação a aquela assembléia, ele foi movido pelo cuidado dos santos diante de Deus (Verso 12).

(Verso 2) Ele deseja que o recebessem sem suspeita ou reserva. Ele não tinha ofendido nenhum deles, ou tinha usado a sua posição ou ministério para obter lucro, e assim defraudar alguém.

(Verso 3) Mas, ao falar assim ele não teve nenhum desejo de condená-los; mas antes remover qualquer estorvo para o fluir do amor que desejava a plena comunhão deles tanto na morte como na vida.

(Verso 4) Apesar da condenação, ele, com a maior ousadia no discurso, se gloria a respeito deles, já que foi consolado quanto a eles. O seu coração, que de fato tinha sido fechado pela tristeza, foi agora aberto para em alegria expressar, sem reserva, o seu afeto por eles.

(Versos 5-7) Ele gostaria que soubessem que a fonte da sua alegria era o Deus de todo consolo, que tinha usado a vinda de Tito para consolá-lo com o relato da lamentação deles quanto a tudo o que tinha condenado no meio deles, bem como do amor férvido que tinham mostrado para com ele. Assim o apóstolo não apenas se voltaria para os pensamentos e afetos deles para com ele, mas também para Tito que tinha falado tão bem deles, e acima de tudo, para a fonte de toda bênção - o Deus de todo consolo.

(Versos 8-11) Ele reconhece que a primeira epístola os tinha entristecido, e por isso tinha lamentado: mas desde que ouviu de Tito o efeito que ela produziu, não teve mais qualquer pesar. Pois agora descobriu que isso tinha operado o arrependimento, e que a tristeza deles foi de acordo com um caráter divino, não a desprezível tristeza do mundo que opera a morte. Assim Paulo pode alegrar-se, não de fato pela tristeza, mas naquilo que a tristeza produziu. Esta tristeza foi só por um *período*; foi uma tristeza *segundo Deus*; sendo a tristeza de um tipo divino, ela *operou o arrependimento para a salvação*, da qual não se arrepende; e ele produziu *frutos* dignos de arrependimento exposto no modo sério pelo qual eles trataram com o assunto e se afastaram do mal. Além disso, eles não tinham apenas tratado do presente mal, mas tinham se afastado da sua própria lassidão. Quão diferente é a tristeza deste mundo conforme visto no caso solene de Judas, cuja tristeza ao em vez de ser por um período é para a eternidade; ao em vez de ser divina foi apenas humana, e ao em vez de opera o arrependimento, conduziu apenas à morte.

(Verso 12) Além disso, o apóstolo asseguraria a esses santos que ao escrever a sua primeira epístola, teve em vista, não simplesmente o malfeitor, ou até mesmo o sofredor do agravo, mas o cuidado dos crentes diante de Deus.

(Versos 13-16) Além do mais, ele foi consolado porque eles foram consolados, e se alegrou naquilo que Tito tinha sido renovado no espírito por todos eles. Por isso ele não se envergonhou de ter falado bem deles para Tito, pois tudo o que tinha dito provou ser verdadeiro; e o amor de Tito fluiu para eles mais abundantemente quando se lembrou da obediência deles; e a confiança do apóstolo neles foi confirmada.

Quão belo é ver esse cuidado piedoso dos crentes diante de Deus se expressando *em fidelidade* com relação àquilo que está errado; *em amor* que chora pelas tristezas dos santos e se alegra na alegria deles; e *em confiança* neles quando obedientes às direções da palavra.

2 CORÍNTIOS 8

Tendo procurado assegurar à assembléia dos Coríntios o seu cuidado pelos crentes diante de Deus (2 Co 7:12), o apóstolo agora procura encorajar o cuidado deles pelas pessoas necessitadas do Senhor.

(Versos 1-5) Ele procura não incitar o afeto deles por outros, apresentando diante deles o exemplo das assembléias na Macedônia, que tinham ajudado a satisfazer as necessidades dos seus irmãos perseguidos em Jerusalém e Judéia. Se, contudo, eles tinham se dado a outros, foi a graça de Deus que lhes permitiu ajudar os necessitados, muito embora eles mesmos passassem por aflições e em pobreza profunda. Muito embora passassem por aflições nas coisas temporais tiveram abundância de alegria nas bênçãos espirituais. Essa alegria nas coisas espirituais os fez quererem ser doadores das coisas temporais àqueles por quem tinham recebido as bênçãos espirituais. Por isso, tinham pedido ao apóstolo, com muitos rogos, para terem comunhão com eles incumbindo ao ministro o seu dom para os santos na Judéia.

Além disso, por trás dos seus dons para com os santos, havia o fato abençoado de que já tinham se dado ao Senhor. Isso tornou simples o levar a cabo a vontade de Deus ao porem-se nas mãos do apóstolo para ministrar o seu dom. A alegria no Senhor os levou a darem-se inteiramente ao Senhor para a Sua vontade, e por essa razão darem-se àqueles que são do Senhor. O serviço deles nas coisas materiais teve um motivo espiritual.

(Versos 6, 7) Agora o apóstolo deseja que a graça vista nas reuniões macedônias possa ser considerada também na assembléia em Corinto. Para esse fim ele esperava que Tito fosse usado no meio deles. Ele reconhece de quantas formas eles foram enriquecidos como uma assembléia, tendo fé, elocução, conhecimento, toda a diligência, e amor para com ele: mas deseja que eles também possam abundar na graça que cuida das pessoas necessitadas de Deus.

(Verso 8) Todavia, ao assim exortá-los não estava em nenhum sentido os ordenando a dar, mas antes usando da liberalidade de outros para encorajá-los a atuarem com a mesma graça, e assim provar a sinceridade do seu amor pelo povo do Senhor.

(Verso 9) Para despertar este amor o apóstolo os lembra que em Cristo temos o exemplo mais transcendente de oferta. Os ricos podem dar da abundância das suas riquezas; outros, como os crentes macedônios, podem da abundância de sua alegria, dar a outros quando eles mesmos estão em profunda pobreza; mas em Cristo vemos Aquele que era rico, contudo, por nossa causa se tornou pobre para dar a outros as verdadeiras riquezas.

(Versos 10-15) Tendo apresentado diante deles um exemplo de oferta nas assembléias da Macedônia, e acima de tudo o supremo exemplo do Senhor Jesus, e tendo deixado bem claro que não estava dando uma ordem apostólica, agora dá o seu *parecer*. O que eles já tinham começado a fazer “desde o ano passado” para ajudar os seus irmãos judeus necessitados, que agora concluam. Mas que a oferta deles seja segundo princípios corretos.

Primeiro, que seja “*com prontidão de vontade*” pois, como lhes diz o apóstolo um pouco depois: “Deus ama ao que dá com alegria” (2 Co 9: 7).

Em segundo lugar, que a sua oferta seja “*segundo o que tendes*”. Não há uma idéia de satisfazer a necessidade de um convertendo outro em necessitado, e assim aliviar a carga sobre um pondo a carga sobre outro.

Em terceiro lugar, a oferta deve produzir uma “*igualdade*”. Não necessariamente uma igualdade na riqueza, ou posição social, mas que todos possam ser igualmente livres da

necessidade. O apóstolo dá um exemplo desta igualdade referindo-se ao maná. Podia ter havido uma grande diferença entre o montante de maná juntado pelos diferentes indivíduos, pois alguns juntavam muito e outros pouco, mas todos eram parecidos nisto que toda necessidade era satisfeita.

(Versos 16-24) No restante do capítulo vemos o cuidado do apóstolo para que a administração dos dons dos santos esteja acima de qualquer suspeita, não apenas diante do Senhor, mas também diante dos homens. Ele pode agradecer a Deus porque o mesmo cuidado que encheu o seu próprio coração pelo povo de Deus, foi encontrado também no coração de Tito (comparar verso 16 com 2 Co 7:12). Além disso, para que todos possam estar acima de qualquer suspeita ou questionamento, o apóstolo envia com Tito, dois outros irmãos. Um, note-se, que não é apenas aprovado pelo apóstolo, mas cujo louvor está em todas as assembléias, e foi escolhido pelas assembléias para administrar esta abundância. Enquanto a necessidade dos santos é satisfeita a glória do Senhor é mantida, e toda a ocasião para questionamento evitada. Outro irmão era alguém que, pela experiência, tinha sido comprovadamente diligente em muitas coisas e que teve a “muita confiança” com relação à assembléia em Corinto.

Se alguém inquiriu quanto a esses irmãos, que eles notem que Tito era companheiro e cooperador do apóstolo no cuidado para com as assembléias em Corinto, e os outros dois irmãos eram bem conhecidos como os mensageiros das assembléias, e como tais eles eram a glória de Cristo. Por isso, podiam com plena confiança expressar o seu amor diante desses irmãos e das assembléias, pela abundância deles para com o povo necessitado de Deus, e assim justificar a jactância do apóstolo por causa deles.

2 CORÍNTIOS 9

(Versos 1, 2) Embora o apóstolo tenha escrito à assembleia em Corinto para despertar o cuidado deles pelo necessitado entre o povo de Deus, ele sentiu que era um tanto supérfluo, considerando que ele sabia da prontidão mental deles para ajudar neste serviço. De fato, neste aspecto, ele tinha se gloriado deles para os da Macedônia, mesmo porque tinha acabado de usar os santos na Macedônia como um exemplo para aqueles a quem escrevia na Acaia. O zelo deles tinha sido usado para provocar outros para esta boa obra.

(Versos 3-5) Sem embargo, ele tinha pensado que seria melhor enviar aos irmãos, dos quais tinha estado escrevendo, para que o dom que as assembleias em Acaia tinham proposto enviar aos seus irmãos pobres em Jerusalém e a Judéia pudesse estar pronto quando ele fosse acompanhado por alguns da Macedônia. Estando o dom pronto anteriormente ele não sentiria nenhuma vergonha em ter falado tão bem dos santos coríntios aos da Macedônia. Ele desejava que o dom deles pudesse ser uma questão de verdadeira generosidade e não algo obtido deles como se a prosperidade deles fosse cobiçada.

(Verso 6) Citando Provérbios, ele os lembra quão verdadeiro é que aquele que semeia abundantemente também segará abundantemente, mesmo porque o semeador generoso será um recebedor generoso (Pv 11: 24, 25; Pv 22: 9).

(Verso 7.) Isso leva o apóstolo a falar do *espírito de contribuição*, que, aos olhos de Deus, é mais importante do que a contribuição. Que cada um dê “segundo propôs no seu coração”; não influenciado pela pressão externa, e assim de má vontade ou por necessidade pois Deus ama um doador alegre, que dá ao necessitado. Deus pode fazer abundar toda graça para que o doador tenha toda a suficiência em todas as coisas, e assim será capaz de abundar em toda boa obra. Isso, de fato, é segundo os princípios invariáveis dos caminhos governamentais de Deus, como está escrito: “Ele espalhou, deu aos necessitados; a sua justiça permanece para sempre, e a sua força se exaltará em glória” (Sl 112: 9).

(Versos 10-12) Nesta certeza na graça de Deus, o apóstolo confia em Deus para multiplicar os recursos deles para que possam ser capazes de dar com toda generosidade, e por essa razão se tornar uma ocasião para a gratidão a Deus. Pois este serviço de contribuição, não só vai de encontro às necessidades dos santos pobres, mas se torna a ocasião de muitos corações se voltarem a Deus em gratidão.

(Versos 13, 14.) Além disso, este dom dos gentios conversos para os crentes judeus se torna uma ocasião para glorificar a Deus porque os gentios tinham recebido o Evangelho de Cristo, bem como pela liberdade deles. Ademais isso extraiu deles orações em nome desses santos bem como em ação de graças a Deus.

(Verso 15.) Mas, acima de todos os dons temporais, pelos quais podemos ser corretamente agradecidos, o apóstolo nos lembra para nunca nos esquecermos de agradecer a Deus por Seu “dom inefável” - o dom de Seu Filho amado, o Senhor Jesus Cristo.

2 CORÍNTIOS 10

Nos dois capítulos precedentes o apóstolo tinha tratado com a questão do dar e receber, mas teve o cuidado de explicar que em assim fazendo não estava escrevendo aquilo como ordem apostólica, mas antes como dando um conselho fraternal (8: 8-10). Havia, contudo, alguns que se gloriavam na carne, e, para se exaltarem, procuravam desacreditar o apóstolo colocando em questão a sua autoridade dada a ele por Deus. Por essa razão procuravam enfraquecer o seu testemunho e assim tirar os santos Daquela com quem tinham se desposado pelo ministério do apóstolo. Por isso, se tornou uma necessidade do apóstolo vindicar a sua autoridade como um apóstolo de Cristo, e adverti-los contra os adversários que, sob a falsa confissão de serem “apóstolos de Cristo,” eram na realidade ministros de Satanás (11:13, 14). Manter o seu apostolado que foi realmente dado, e expor esses falsos embusteiros, é o objetivo principal do resto da epístola.

(Verso 1) O apóstolo, contudo, evidentemente sentia que era uma coisa séria falar de si mesmo, ou de expor a maldade de outros; mas se as circunstâncias o fazem necessárias procura falar com um espírito correto, marcado pela mansidão e benignidade de Cristo. Assim como, mais tarde, pode exortar a Timóteo que fosse “manso”, “paciente” e mostrasse “mansidão”, ao se reunir com “os que resistem” (2 Tm 2:24, 25).

O apóstolo admite que quando presente podia ter uma aparência pessoal desprezível para esses gregos, os quais naturalmente tinham um físico mais do que perfeito; contudo, tinham de reconhecer que, estando ausente, usava de grande ousadia em suas cartas.

(Versos 2, 3) Ele os adverte, contudo, que embora desprezível na aparência pessoal, que fossem cuidadosos para que quando presente não houvesse nenhuma necessidade de usar de ousadia para expor aqueles que o julgavam como se “andasse segundo a carne”. Ele podia, de fato, “andar na carne” - um pobre corpo desprezível; mas ele não conduzia o conflito contra o inimigo “segundo a carne” - a velha natureza má. Alguém disse de forma verdadeira: “Todos os que vivem aqui em baixo podem dizer o primeiro; quão poucos o último - pelo menos como o apóstolo podia” (W. Kelly).

(Versos 4, 5) Não militando segundo a carne, em seu conflito com o inimigo ele não teve nenhuma utilidade para as armas carnis. Ele descobriu que a mansidão e a benignidade de Cristo eram as armas usadas por Deus. Cinco pedras lisas e uma funda pareciam armas fracas com as quais ir encontrar um gigante completamente armado, mas uma pedra nas mãos de um jovem foi poderosa em Deus para derrubar o gigante. Por isso a mansidão e a benignidade de Cristo, usadas por um homem cuja presença corpórea era insignificante, eram “poderosas em Deus” para derrubarem as fortalezas de Satanás, levando a nada os raciocínios orgulhosos da mente humana que se exaltam contra o conhecimento de Deus, e para trazerem cada pensamento à submissão de Cristo.

(Verso 6) O apóstolo, contudo, confiava, que quando estivesse novamente presente com eles, não haveria nenhuma necessidade de usar esta ousadia santa contra os opositores. Ele reconhecia a medida da obediência deles à sua primeira carta, e confiava que eles seriam todos unidos na plena obediência antes que os visitasse novamente. Se, contudo, houvesse ainda algum desobediente, ele estaria pronto para “vingar toda a desobediência”.

(Versos 7-10) A pergunta do apóstolo: “Olhais para as coisas segundo a aparência?” Indica que alguns, na reunião em Corinto tinham argumentado que alguém com uma aparência tão desprezível, e estilo pobre de pregação, não podia ser embaixador de Cristo. Isto significa que os tais confiavam que eram de Cristo por causa de alguma imaginária

qualidade neles mesmos. Em contraste com os seus caluniadores, ele não poderia apresentar, sem se vergonhar, como prova de que era de Cristo, o fato da sua autoridade apostólica dada a ele pelo Senhor para a edificação dos santos, e não para a derrota deles? Contudo, ele absteve-se de impor a sua autoridade apostólica para que não pudesse parecer que procurava terrificá-los pelas suas cartas, e assim dar uma oportunidade aos seus opositores. Pois, ao que parece, os seus caluniadores procuravam minar a influência do apóstolo sugerindo que os santos não tinham que prestar nenhuma atenção às suas cartas pesadas e poderosas já que elas eram simplesmente um esforço para contrariar o efeito da sua presença corpórea débil e da sua pregação desprezível. Que eles se lembrem, contudo, que como ele foi *na palavra*, ausente, assim será *por obra* em relação a esses opositores quando presente.

(Verso 12) O apóstolo não ousa se juntar àqueles que deste modo denunciaram as suas pretensões carnais vangloriando-se deles mesmos e depreciando os outros. Assim medindo a si mesmos pelos padrões humanos, e comparando a si mesmos com outros eles denunciaram a sua completa falta de inteligência espiritual.

(Verso 13-16) O apóstolo não se gloria das coisas fora da esfera para a qual ele tinha sido enviado por Deus. A medida até a qual o seu ministério devia estender-se tinha sido dada por Deus, e tinha alcançado os Coríntios. Por isso, tanto indo a eles, como lhes escrevendo, não se estendia além da medida dada por Deus, ou se intrometia na esfera de trabalho de outro homem. Com confiança de que em Corinto estava trabalhando em obediência à vontade de Deus, tinha esperança de que, com o aumento da fé que tinham em Deus para dirigir os Seus servos, ele ainda teria um lugar alargado nos afetos deles e seria usado para a mais abundante bênção. Assim esperava que, através desta assembleia, o caminho fosse aberto para ele pregar o Evangelho em regiões adiante da deles, onde até aqui nenhum servo de Deus tinha trabalhado. Por essa razão ele não estaria se gloriando na obra já realizada pela fronteira de serviço de outro homem.

(Versos 17, 18) Além disso, o apóstolo nos adverte para não apenas termos o cuidado de não buscar nos exaltar através dos trabalhos de outros, mas também para termos o cuidado de nos gloriarmos em nossa própria obra. “Aquele, porém que se gloria, glorie-se no Senhor”. Bem, na verdade, para que todo servo se abstenha de todo autolouvor, e não olhe nem mesmo para o louvor dos seus irmãos, mas cobice somente a aprovação do Senhor, pois “Não é aprovado quem a si mesmo se louva, mas quem o Senhor louva”.

2 CORÍNTIOS 11

(Verso 1) Se, como o apóstolo acaba de dizer, for somente aquele que o Senhor louva que é aprovado, deve, em circunstâncias ordinárias, ser loucura louvar a si mesmo. A ocasião, contudo, tinha surgido quando ele considerou necessário falar dele mesmo. Ele, por isso, pede aos santos que tenham paciência com ele no que poderia parecer ser uma pequena loucura da sua parte.

(Versos 2-4) Consequentemente ele primeiro expõe o motivo que o influenciou a falar dele mesmo, bem como a ocasião que pediu pela sua própria vindicação. Não foi nenhuma mera vaidade da carne, que gosta de exaltar a si mesma, que moveu o apóstolo, mas o zelo de Deus para a glória de Cristo e a bênção dos santos. Usando a figura de um marido e a sua noiva, ele diz: “Porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”. Ele tinha lhes apresentado Cristo como Aquele que é completamente amável, e comprometeu os seus corações com Ele. O seu desejo agora era o de apresentá-los a Cristo em perfeita conformidade como uma virgem pura. Ele desejava que os santos fossem encontrados em santa separação deste mundo corrompido, andando em sincera devoção a Cristo. Ele anteviu que o inimigo faria uma tentativa sutil de afastá-los de Cristo, assim como no jardim do Éden ele desviou a atenção de Eva da sua lealdade a Deus. Sabemos que Satanás tentou Eva com *a aquisição de conhecimento*. Ele disse: “Sereis como deuses sabendo o bem e o mau”. Novamente, ele procurava roubar o coração dos santos Coríntios de Cristo - da Árvore da Vida, tentando-os com a Árvore do Conhecimento. O apóstolo, em sua primeira epístola, admite que eles foram enriquecidos “em todo conhecimento”, mas os adverte que o conhecimento sem amor “incha” (1 Co 1:5; 1 Co 8:1-3). Como no passado o inimigo aproximou-se de Eva com a pergunta “Assim disse Deus?” pondo assim em questão a palavra de Deus, assim hoje ele procurava minar a palavra de Deus substituindo a revelação divina pela razão humana e por essa razão corrompia a grande profissão cristã apresentando um “outro Jesus”, um “outro Espírito,” e um “outro Evangelho” que não aquele da palavra de Deus. Assim as almas foram afastadas da verdade que é apresentada em Cristo. Essa seguramente é a raiz do mau que levará à grande apostasia. Se então este era o perigo ao qual os santos em Corinto estavam expostos, eles poderiam bem ter paciência com o apóstolo, através de quem tinham recebido a verdade, se ele precisasse falar de si mesmo para defender os santos dos falsos irmãos.

(Versos 5, 6) Estes falsos professores procuravam minar a obra do apóstolo questionando o seu apostolado e serviço. Ele pode verdadeiramente dizer, que “em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos”. Ele podia ser rude na palavra, contudo, não tinha nenhuma falta de conhecimento divino, pois em tudo tinha feito manifesta a verdade a eles.

(Versos 7-10.) Foi uma ofensa, que, quando com eles, ele tenha trabalhado com as suas próprias mãos para suprir as suas necessidades, para que pudesse pregar-lhes o Evangelho livremente? Ele de fato tinha recebido a ajuda de outras assembleias para o serviço prestado aos santos em Corinto, e aqueles que o acompanhavam desde a Macedônia tinham ajudado a suprir as suas necessidades temporais. Assim nenhum homem pode impedi-lo de alardear que não tinha sido uma carga financeira àqueles da Acaia.

(Versos 11, 12.) Mas foi porque ele não tinha amor por eles que recusou a ajuda temporal? Longe disso. Seu motivo era para cortar ocasião àqueles que estavam se gloriando, em contraste com o apóstolo, de que não eram pesados para a assembleia.

(Versos 13-15) Assim os falsos apóstolos eram obreiros enganosos; não como Paulo, “um apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus”, mas os autodesignados apóstolos, “*transfigurando-se* em apóstolos de Cristo”. Na verdade eles eram ministros de Satanás, que sabem como enganar com uma aparência justa transformando a si mesmos em um anjo da luz. Copiando o seu mestre, esses homens falsos encobriam a sua maldade com uma demonstração de boas obras, como se fossem ministros justos. O fim deles será segundo as suas obras. Na oposição desses ministros de Satanás ao verdadeiro ministro de Cristo, vemos o princípio deste vasto sistema de corrupção do qual em seu fim Deus declara que “nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todo os que foram mortos na terra” (Ap 18: 24).

(Versos 16-21) O apóstolo mostrou que em contraste com esses “falsos apóstolos”, ele tinha pregado “o Evangelho de Deus”, atado almas a Cristo, e tinha servido graciosamente para tomar ocasião daqueles que estavam se exaltando e tomando o dinheiro dos santos (Verso 20, NVI). Mas há outra forma pela qual o servo verdadeiro é surpreendentemente contrastado com esses homens falsos, a saber, a reprovação e sofrimentos suportados pela causa do Senhor no decorrer do Seu serviço. Desses sofrimentos o apóstolo agora fala; mas antes de assim fazer ele novamente expressa sua profunda relutância em falar de si mesmo. Se tivesse que assim fazê-lo para provar sua integridade, confiava que nenhum homem pensaria ser ele um tolo. Se, contudo, pensassem que falava como um tolo, que tivessem paciência com ele por um pouco. O apóstolo realizou esta glorificação do ego, seja a forma que ela possa tomar, seja quanto à prontidão da pregação, os poderes intelectuais, os significados independentes, as conexões familiares, ou a posição social, estavam distantes de serem do Senhor. Mas se havia aqueles que se gloriavam segundo a carne, ele também poderia assim fazer, e eles não teriam nenhuma razão de reclamar vendo que prontamente sofreram desapontamentos que os levaram à escravidão ao homem, consumindo-os, tomando-lhes o dinheiro, exaltando-se enquanto insultando a outros. Não atuar como esses homens tinham atuado, poderia parecer ser mera fraqueza da sua parte. Todavia, se pensavam que ele era fraco, lhes mostraria que pode ser ousado, embora ainda pensasse que falar de si mesmo é loucura.

(Verso 22) Os seus opositores tomaram o baixo nível de se orgulharem da sua origem judaica, como sendo hebreus, e da nação de Israel, revindicando a descendência de Abraão. Bem, o apóstolo pode dizer o mesmo.

(Versos 23-29.) Mas passando a falar do mais elevado privilégio de ser servo de Cristo, ele pergunta: “São ministros de Cristo?” Ele pode estar falando tolamente, mas não teve nenhuma hesitação em dizer que era ministro de Cristo “ainda mais” que esses homens. Para comprovar as suas palavras ele apresenta um maravilhoso sumário das suas labutas e sofrimentos por causa de Cristo. As suas fiéis labutas como servo de Cristo tinham o levado para a prisão e face a face com a morte, e perseguição dos judeus. Isso tinha exigido muitas viagens com os perigos impostos por naufrágio e de passagem por rios, enfrentando salteadores, o ódio dos seus próprios compatriotas e a oposição dos gentios. Assim ele tinha enfrentado perigos na cidade, no deserto e no mar. Acima de mais nada ele teve que enfrentar os “perigos entre os falsos irmãos”. Esses perigos impunham a ele, trabalho e fadiga, vigilância constante, e jejum, fome e sede, frio e nudez. Junto com todos esses sofrimentos externos, tinha que suportar em seu espírito a carga de todas as assembleias. Estavam algumas fracas, ele sentia pela fraqueza delas. Estavam algumas trôpegas, ele ficava profundamente movido contra aqueles por quem elas tropeçavam.

(Versos 30-33.) Se, contudo, há necessidades de que o apóstolo se glorie, ele não fala dos seus poderes miraculosos, ou até mesmo das revelações que tinha recebido - coisas nas quais, como um apóstolo, esteve sozinho - mas se gloria, antes, nas coisas que concernem a sua fraqueza - coisas nas quais é possível a outros compartilharem delas em pequena proporção. Dessas coisas pode dizer que Deus sabe que ele diz a verdade. Além disso, quantas dessas coisas são de um caráter sobre o qual o homem natural teria permanecido em silêncio. Ele encerra esta parte da sua carta referindo-se a tal incidente, no qual, como alguém disse: “Nenhum visitante angelical abriu barras e trancas de portas maciças, nem cegou os olhos da guarnição”. Mas para efetuar a sua fuga dos seus inimigos ele teve que submeter-se à indignidade de ser baixado por uma janela em um cesto, sobre o muro da cidade. Por essa razão se outros se gloriam em seus dons, seu conhecimento, e excelência no discurso ele pode gloriar-se em suas enfermidades e fraqueza, que se tornaram ocasião para expor o poder de Deus, que pode guardar e usar o Seu servo apesar de toda fraqueza e em meio as mais angustiantes circunstâncias.

Quando lemos este capítulo profundamente instrutivo, vemos, por um lado, um quadro notável de um servo devotado ao Senhor Jesus, e o sofrimento que o serviço fiel impõe no mundo que rejeitou a Cristo; tudo o que precede o dia quando os santos serão apresentados a Cristo. Por outro lado, vemos, até mesmo nos dias do apóstolo, o começo destes maus que têm aumentando por toda a história da Cristandade e terminará na profissão cristã corrupta que será vomitada da boca de Cristo.

Olhando um pouco mais de perto para esses dois quadros, vamos primeiro notar, em relação ao apóstolo, que, nesta passagem, não há nenhuma menção de nenhum dom miraculoso pelo qual os doentes foram curados, os demônios expulsos e os mortos ressuscitados. Mais uma vez não há nenhuma alusão a prerrogativas apostólicas, trazendo para os santos revelações novas, ou predizendo futuros eventos. Nem há qualquer suposição de habilidades notáveis que permitiriam ao possuidor falar com grande eloquência, ou apelar para as emoções e o intelecto. Não há nenhuma reivindicação à prosperidade, posição social, relacionamentos nobres de nascimento, ou vantagens educacionais, que poderiam influenciar aos homens e assegurar a posição e o reconhecimento neste mundo. Assim não há nada colocado diante de nós que não seja possível para o mais humilde servo do Senhor. Por essa razão, por mais que possamos chegar perto do padrão de serviço alcançado pelo apóstolo, ele não chega diante de nós, nesta passagem, como um maravilhoso exemplo de serviço dedicado, disponível como um modelo para algum servo do Senhor. Olhando então para o apóstolo como um servo padrão vemos primeiro, que *Cristo, Ele mesmo, era o grande Objeto do seu serviço*. O seu grande desejo era apresentar os santos a Cristo. Alguns podem fazer da salvação dos pecadores o seu objetivo principal: outros, com mais alto objetivo, podem fazer a igreja, que é tão querida para Cristo, o seu grande objetivo; mas aqueles que se levantarão mais alto em seu serviço serão aqueles que fazem Cristo o seu primeiro objetivo. Este tal, na verdade, não negligenciará o Evangelho para os pecadores, ou o ministério aos santos, mas todo o seu serviço terá em vista a satisfação do desejo do coração de Cristo de ter os que são Seus com Ele, e semelhantes a Ele, naquele grande dia do matrimônio do Cordeiro quando Ele verá o fruto do trabalho árduo da Sua alma e ficará satisfeito.

Por essa razão com Cristo como o seu grande Objeto, o apóstolo tinha procurado *ganhar pecadores para Cristo* pregando o Evangelho, como tinha feito em Corinto e em outros lugares (Verso 7). Tendo sido usado para a conversão dos pecadores, com Cristo ainda adiante dele, procurou *atar os santos a Cristo* (Verso 2). Tendo atraído os santos para

Cristo, procurou *defender os santos* de toda classe de maldade que os desviasse da sujeição a Cristo. Além disso, vemos que por ter Cristo diante dele como o seu grande objetivo, estava pronto, na condução do Seu serviço, para *suportar o sofrimento* se em fadiga e trabalho, de perseguição e prisão, de perigos e carências, ou de frio e nudez.

Olhando para o outro lado do quadro, vemos que, naqueles primeiros tempos, havia “falsos irmãos” que, não apenas fizeram uma confissão cristã, mas assumiram serem apóstolos. Os tais eram “falsos apóstolos” e “obreiros fraudulentos”. Sem embargo eles vieram aos santos com uma demonstração tão justa na carne que se pareciam com anjos de luz e ministros da justiça. Com sutileza satânica, esses homens perverteram a verdade pregando “outro Jesus”, “outro Espírito” e “outro Evangelho” (Verso 4). Além disso, o apóstolo previu que se as assembleias suportassem esses maus obreiros em seu meio, o círculo cristão seria corrompido da simplicidade devida a Cristo, com a conseqüência de que o coração dos santos seria tirado da verdadeira lealdade a Cristo, e se tornariam seguidores daqueles que, para a sua própria exaltação, estavam atraindo os discípulos para si mesmos (Verso 20). Assim *fingindo* serem o que não eram, eles *perverteram* a verdade, *corromperam* a confissão cristã, e *exaltaram a si mesmos* à custa de outros.

Olhando para trás para as eras vemos que aquilo que teve o seu começo nos dias do apóstolo se desenvolveu desde então em um vasto sistema de corrupção, que, enquanto reclamou a sucessão apostólica, perverteu a verdade, exaltou e enriqueceu a si mesmo à custa de outros, e perseguiu os santos.

Aqui então temos os dois quadros. Um mostra o verdadeiro servo para o nosso exemplo; o outro os falsos servos para a nossa advertência. Vemos o serviço do verdadeiro servo que aponta para o grande dia do matrimônio do Cordeiro quando a igreja, apresentada sob a figura da “cidade santa, a Nova Jerusalém”, será vista na glória como a “esposa do Cordeiro”. Vemos, também, os ministros de Satanás, que trabalham no meio da cristandade, guiando para aquele dia solene, quando, sob a figura daquela grande cidade Babilônia, a confissão cristã corrupta será tratada no juízo esmagador.

O melhor para nós, para cada um de nós, é desafiar o nosso coração com a pergunta: “Que cidade, em minha vida e serviço, eu estou ajudando a construir?” Estamos nós em nossa obra e associações, ajudando nas corrupções da Babilônia? Ou respondemos ao chamamento do Senhor: “Saí dela povo meu”, e na separação das corrupções da cristandade, procuramos servir ao Senhor tendo em vista a Santa Cidade. Muitos dos santos que tomaram a estrada que leva àquela abençoada cidade, como o apóstolo, passaram pelos fogos do martírio, e pelas águas da morte, mas isso conduz finalmente ao grande dia do matrimônio do Cordeiro. À luz do excelente e eterno peso da glória daquele grande dia o apóstolo pode considerar os perigos e perseguição, fadiga e trabalho, sofrimentos e insultos, como leves aflições que são apenas por um momento (2 Co 4:17).

Se então, em nossa pequena medida, seguirmos o exemplo do apóstolo, pode ser que o nosso primeiro desejo seja que Cristo possa viver em nosso coração pela fé. Assim, tendo Cristo adiante de nós como nosso único objetivo, desejaremos ganhar almas para Cristo, atar o coração dos santos a Cristo, e buscar defender uns aos outros de tudo o que nos rouba da verdade e afasta a nossa alma de Cristo. E se, em alguma pequena medida, tal serviço impuser sofrimento e reprovação, que possamos ser capazes de suportar enquanto olhamos em frente para a excelente glória do grande dia do matrimônio do Cordeiro.

“Tome para Ti o nosso coração, e o faça ser
Para sempre fechado a tudo exceto a Ti;
Teus desejosos servos, usaremos
O selo do amor para sempre ali”.

2 CORÍNTIOS 12

No capítulo precedente, o apóstolo, contrastando a si mesmo com os falsos irmãos, abstém-se de toda menção do poder apostólico especial e refere-se somente ao modo de vida, e experiências, possíveis para que os seus opositores fossem irmãos verdadeiros. Neste capítulo ele fala das maravilhosas experiências que de longe superam a experiência cristã comum. Assim, nesta porção da sua carta, ele não mais evoca um contraste entre ele e os falsos irmãos, os quais não são mencionados novamente, mas antes se compara com os verdadeiros apóstolos dos quais em nada ficou atrás (verso 11).

(Versos 1-6) Assim ele passar a falar de “visões e revelações do Senhor”. Ele reconta uma experiência notável que tinha desfrutado 14 anos antes. O cristão de mentalidade carnal sem dúvida imediatamente, e muitas e muitas outras vezes, se gloriaria de tal experiência. Mas o apóstolo, compreendendo que não é conveniente gloriar-se, tinha se absterido de qualquer alusão a esta experiência durante catorze anos. Ele acabara de nos falar de uma experiência humilhante quando no corpo; agora ele nos fala de uma maravilhosa experiência que tinha sido dele como “um homem em Cristo”. Aquele que tinha conhecido o que era ser “baixado” em um cesto até o chão, também tinha experimentado o imenso privilégio de ser “arreatado até o terceiro céu”. O terceiro céu fala da habitação de Deus. Há o céu atmosférico, então o céu estrelado, e então o terceiro céu onde está o trono de Deus. O apóstolo fala do terceiro céu como o paraíso, indicando a bênção do terceiro céu como uma cena de alegria, beleza e glória - um jardim de prazeres, aonde a sombra da morte nunca chegará. Ele tem o cuidado de nos dizer que não foi como um homem na carne que foi arrebatado, mas como “um homem em Cristo”. Das suas vantagens naturais como um homem na carne, ele nos diz, em outra epístola, que as considera apenas sujeira: mas da posição e privilégios como um homem em Cristo pode perfeitamente gloriar-se, pois todas as bênçãos da nossa posição *em* Cristo devemos *a* Cristo. Arreatado ao paraíso ele não estava mais consciente do corpo, com suas necessidades e fraquezas. Ali tinha ouvido coisas das quais seria completamente impróprio falar, até mesmo aos cristãos enquanto na terra e nesses corpos mortais. Sem embargo, vamos nos lembrar de que embora não tenhamos tal experiência miraculosa, de sermos arrebatados ao terceiro céu, contudo, tudo aquilo que foi revelado ao apóstolo, quando arrebatado, pertence ao mais simples crente como estando “em Cristo”.

Até aqui o apóstolo tinha ficado em silêncio quanto a esta maravilhosa experiência, com receio de, gloriando-se disso, pudesse dar a impressão de que ele era maior espiritualmente do que parecia pela sua vida presente, ou pelos relatos que tinham ouvido acerca dele. Que lição para todos nós para termos cuidado com o espírito pretensioso de autoafirmação, tão natural para nós, que alegremente se vale de uma notável experiência para nos exaltar, e que procura dar a outros uma impressão de uma espiritualidade e devoção que realmente não possuímos.

(Verso 7) De qualquer modo as experiências que o apóstolo tinha desfrutado exaltavam, a carne ainda estava nele enquanto ainda neste corpo. E a carne, mostrando-se de formas diferentes, não é, quanto à sua natureza, diferente em um apóstolo do que em qualquer outro homem. Precisamos aprender que na carne não há coisa boa; isso nunca se altera, e que em nós mesmos não temos nenhuma força contra ela. Depois de tal experiência a carne, até em um apóstolo, poderia operar, levando a vaidade por sugerir que nenhum outro apóstolo tinha sido arrebatado até o terceiro céu. Para que ele pudesse ser

mantido consciente da sua própria fraqueza, um espinho foi enviado para lembrá-lo que enquanto ainda no corpo era completamente dependente do poder do Senhor para guardá-lo da obra da carne. O apóstolo não diz diretamente o que era este espinho. Aparentemente era alguma fraqueza corpórea que tendia fazer o apóstolo desprezível, ou pequeno, aos olhos dos homens, e por isso atuar como um equilíbrio para essas visões e revelações miraculosas que poderiam tê-lo exaltado diante dos homens. Vamos notar, contudo, que o espinho foi permitido, não para corrigir algo errado no apóstolo, mas antes, por um lado, como um preventivo contra a jactância carnal, e por outro lado, para dar a ele um sentido mais profundo da sua dependência do Senhor.

(Versos 8-10.) Julgando que o seu espinho era um estorvo para os seus serviços, o apóstolo implora ao Senhor três vezes para que fosse tirado dele. O Senhor responde a sua oração, embora não conceda o seu pedido. São-lhe ditas duas grandes verdades que precisamos nos lembrar: Primeira: que *a graça* do Senhor é suficiente para sustentar em toda provação; e segunda: que as nossas fraquezas se tornam somente ocasiões para manifestar o Seu *poder*.

Vendo então que esta fraqueza impede a carne de gloriar-se, e se torna ocasião para a exposição da graça e poder de Cristo, o apóstolo daqui por diante se gloria da própria fraqueza que tinha desejado que fosse retirada. Assim ele pode tirar prazer das mesmas coisas que são tão horrorosas para nós como fraquezas de homens naturais, as injúrias, as necessidades, as perseguições e as angústias - pois todas essas coisas eram por causa de Cristo, e, embora manifestasse a fraqueza do corpo, elas também tornaram manifesto o poder de Cristo, para que o apóstolo pudesse dizer: “Quando estou fraco, então sou forte”.

(Versos 11-15) O apóstolo ainda sente que falar dele é loucura, seja por causa das visões e revelações que desfrutou quando arrebatado até o céu, ou por causa das fraquezas e aflições por causa de Cristo as quais tinha sofrido na terra. Vendo, contudo, que os santos coríntios, que deveriam tê-lo louvado falharam em assim fazê-lo, é compelido a vindicá-lo ele mesmo. Eles teriam que testemunhar a verdade de que em nada foi inferior aos mais excelentes apóstolos, embora, por causa da sua fraqueza na carne pudesse ser desprezado desconsiderado aos olhos do mundo. Não tinha ele manifestado os sinais de um apóstolo no meio deles, por toda paciência, acompanhada pelos sinais, maravilhas e feitos prodigiosos?

Eles se sentiram humilhados por ele ter recusado a ajuda da assembleia? Se for isso, que eles perdoem esse erro. Se esta terceira proposta de ir ter com eles fosse levada a cabo, ele não seria muito pesado para eles, pois ele os faria aprender que o seu coração não estava colocado no dinheiro deles, mas neles. Ele estaria entre eles como um doador e não como um receptor, embora o seu amor fosse pouco apreciado.

(Versos 16-18) Ademais ele frustrou a infeliz insinuação de que, recusando a ajuda direta, tinha usado outros para tirar proveito deles para o seu próprio benefício. Ele de fato tinha enviado Tito, e outro irmão, para ministrar no meio deles. Mas eles não tinham andado no mesmo espírito que o apóstolo e recusaram todos os benefícios?

(Versos 19-21) Além disso, a assembleia dos coríntios poderia pensar que, ao falar assim de si mesmo, ele procurava simplesmente justificar-se. A esta objeção ele pode dizer, com toda solenidade, que falava como conscientemente perante Deus quando admitiu que o seu motivo era o amor que buscava a edificação deles. Amado-os e desejando a edificação deles ele não hesita em lhes falar dos seus temores. Ele temia que quando viesse a eles pudesse encontrar uma condição distante dos seus desejos, e por consequência tivesse que tomar uma atitude em direção a eles que eles não queriam. Apesar do bom efeito que a sua primeira epístola tinha produzido o apóstolo ainda temia que, em consequência dos “falsos

irmãos” e “obreiros fraudulentos”, dos quais estive falando, pudesse encontrar entre eles “pendências, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos e tumultos”. Acima de tudo, temia que fosse humilhado para chorar por muitos que tinham pecado e ainda não tinham se arrependido.

Assim, como muitas vezes foi observado, o mesmo capítulo que abre colocando diante de nós os mais altos privilégios de um cristão no paraíso, termina colocando diante de nós os mais baixos pecados nos quais um cristão pode cair na terra. Por um lado vemos a bem-aventurança de estar em Cristo; por outro a solenidade de permitir a carne em nós. Entre esses dois extremos vemos “o poder de Cristo” disponível para nós, em toda a nossa fraqueza, contra a carne.

Tendo aprendido algo sobre a completa maldade da carne, e a nossa própria fraqueza para resisti-la, quão bom é nos colocar, dia após dia, nas mãos do Senhor, devido a carne que está em nós em toda a sua invariável maldade, pronta para estourar a qualquer momento em pecados grosseiros, e que em nós não temos nenhuma força para resisti-la. Então, tendo assumido essa posição quão bom é descobrir que *o Seu poder* está disponível para nós em toda a nossa *fraqueza*. Assim somos libertos dos nossos próprios esforços para controlar a carne e levados a buscar ao Senhor Jesus para nos guardar.

2 CORÍNTIOS 13

(Versos 1, 2) O apóstolo fecha a sua epístola referindo-se à sua terceira proposta de fazer-lhes uma segunda visita. Ele já lhes havia dito que a sua segunda proposta de visitá-los tinha sido abandonada para poupa-los já que ele não desejava ir com espírito pesaroso (2 Co 2:1, 2). Embora reconheça o bom efeito da sua primeira carta sobre a assembleia (capítulo 2) ainda teme que haja muitos que não se arrependeram dos seus pecados. Se ele encontrar os tais quando vier novamente, e o seus pecados forem plenamente confirmados “por boca de duas ou três testemunhas”, ele não os poupará.

(Versos 3-6) Aparentemente, contudo, havia alguns que questionavam a autoridade do apóstolo para tratar com qualquer confusão e maldade no meio deles. Eles pediam uma prova de que Cristo realmente falava por ele. Antes de responder a esta objeção, o apóstolo em um parêntese, que se estende desde a segunda cláusula do verso 3 até o final do verso 4, os lembra de que embora pudessem tirar proveito da sua enfermidade para acusa-lo de fraqueza, tal acusação não pode ser feita contra Cristo, Aquele, diz ele: “que é poderoso entre vós”. Realmente, Ele foi crucificado em fraqueza, contudo, como o Homem ressurreto e glorificado, Ele vive pelo poder de Deus. Quanto às circunstâncias de Paulo, ele era fraco em conexão com um Cristo rejeitado na terra; mas pelo poder de Deus ele viveu com Cristo, e este poder tinha sido expresso pelo apóstolo em relação a eles.

Tendo, neste parêntese, os lembrado da fonte de todo o verdadeiro poder espiritual, ele assume o desafio de alguns quanto a se Cristo falava nele. Este foi praticamente um desafio quanto a se ele era realmente um cristão. Em resposta a isto o apóstolo diz: “Examinai a vós mesmos, se estais na fé; provai-vos a vós mesmos”. Eles questionaram se Cristo estava nele, que olhem para eles mesmos quanto a se Cristo estava neles, pois se não estavam reprovados – alguém lançado fora e bom para nada. Que eles estavam na fé pela pregação de Paulo deveria ter sido uma prova inquestionável de que Cristo tinha falado através dele. Não há nenhuma sugestão nas palavras do apóstolo, de que o cristão deve olhar para dentro de si mesmo para se assegurar de que é um cristão. É a visão exterior para o Cristo ressurreto que dá a paz interior, e a palavra de Deus que dá a garantia. Quando o Senhor apareceu entre os Seus discípulos no dia da ressurreição, Ele os achou incomodados por pensamentos que surgiram em seus corações. De uma vez Ele afasta os seus temores direcionando o olhar deles para Ele mesmo. Ele diz: “Vede as minhas mãos e os meus pés que sou eu mesmo” (Lc 24:36-39). Olhar para dentro os encheu de dúvidas e temores; olhar para fora para o seu Senhor ressurreto, de uma vez viram em Suas mãos e pés as provas de que tinha morrido por eles, e que foi ressuscitado, e isso trouxe paz e alegria para os seus corações.

Quando o apóstolo diz a estes santos que examinem a si mesmos quanto a se estão na fé, está dizendo algo assim: “Por causa da minha fraqueza vocês levantaram injustamente uma pergunta quanto a se Cristo está em mim; mas aplique esta pergunta a vocês e verão quão errado é isso”. Tendo reconhecido a loucura da pergunta que fizeram, ele esperava que compreendessem que ele não era reprovado.

(Verso 7.) A sua oração a Deus era que eles pudessem ser guardados da prática do mal, não simplesmente para louvar o apóstolo que tinha sido usado para a conversão deles, mas para que atuando honestamente houvesse uma prova ao mundo de que eles não eram reprovados, por mais que o mundo pudesse desaprová-lo.

(Versos 8, 9) Contudo, apesar do que os homens poderiam dizer quanto ao apóstolo, nada prevalecerá contra a verdade. Vá contra a verdade e perderemos o nosso poder. Somente somos realmente fortes quando nos apoiamos na verdade, seja ela a verdade acerca de Cristo, ou a verdade acerca do Seu povo. Ele estava, contudo, contente por ser fraco quanto à sua enfermidade se isso levasse a que eles fossem fortes por se apoiarem na verdade, pois ele sinceramente desejava a “perfeição” deles, no conhecimento pleno do cristianismo e da mente do Senhor.

(Verso 10) Ele tinha escrito essas coisas, estando ausente, na esperança de que quando os visitasse não haveria nenhuma ocasião para usar de rigor, segundo o poder dado a ele pelo Senhor para o aperfeiçoamento moral deles, e não para a destruição. Sabendo que temos a carne em nós, quão cuidadoso temos que ser quando surge a necessidade de usar de rigor, para que não seja usado na malícia da carnalidade, procurando ocasionar a destruição de um irmão.

(Versos 11-14) Em suas saudações finais o apóstolo deseja que esses santos possam se regozijar. Por mais que o fracasso possa tê-los marcado, eles ainda podem alegrar-se no Senhor. Além disso, ele deseja que eles possam ser perfeitos, correspondendo plenamente à intenção do Senhor para eles. Apesar de todos eles terem que se encontrar com falsos professores, que sejam estimulados a continuarem com um mesmo parecer, e em paz. Então de fato encontrariam que o Deus de amor e paz estaria com eles. Que o método do mundo de se cumprimentar seja usado em santidade. Os santos com Paulo se juntaram a ele para enviarem sua saudação. Ele encerra com a ação de graça que tão abençoadamente deseja que a graça do Senhor Jesus, o amor de Deus e a comunhão que flui do Espírito Santo operantes em nós possam estar com eles.